



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA**

**LINHA DE PESQUISA EM PSICOPATOLOGIA
FUNDAMENTAL E PSICANÁLISE**

**ITACURUBA ONTEM E HOJE: NOVOS TEMPOS, NOVOS ESPAÇOS - UMA
QUESTÃO IDENTITÁRIA**

DEYSIANE RIBEIRO PESSOA SIMÕES

RECIFE - 2017

DEYSIANE RIBEIRO PESSOA SIMÕES

**ITACURUBA ONTEM E HOJE: NOVOS TEMPOS, NOVOS ESPAÇOS - UMA
QUESTÃO IDENTITÁRIA**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Universidade Católica de Pernambuco, composta pela Prof^ª. Dra. Elaine Magalhães Costa Fernandez, Prof^ª. Dra. Maria Consuelo Passos e a Prof^ª. Dra. Véronique Donard como exigência à obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Véronique Donard

RECIFE – 2017

S531i

Simões, Deysiane Ribeiro Pessoa

Itacuruba ontem e hoje : novos tempos, novos espaços:
uma questão identitária / Deysiane Ribeiro Pessoa Simões ;
orientador Véronique Donard, 2017.

128 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco.
Pró-Reitoria Acadêmica. Coordenação Geral de Pós-Graduação.
Mestrado em Psicologia Clínica. 2017.

1. Psicanálise. 2. Jovens - Psicologia. 3. Tecnologia da informação.
4. Identidade. 5. Ciberespaço - Aspectos psicológicos. I. Título.

CDU 159.964.2

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

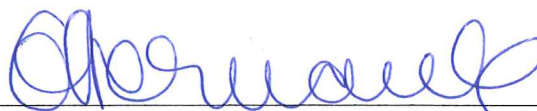
DEYSIANE RIBEIRO PESSOA SIMÕES

**ITACURUBA ONTEM E HOJE: NOVOS TEMPOS, NOVOS ESPAÇOS – UMA
QUESTÃO IDENTITÁRIA**

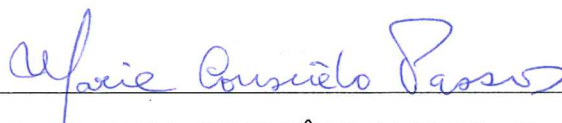
BANCA EXAMINADORA



Profª. Dra. VÉRONIQUE DONARD – Orientadora
Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP



Profª. Dra. ELAINE MAGALHÃES COSTA FERNANDEZ – Examinadora Externa
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE



Profª. Dra. MARIA CONSUÊLO PASSOS – Examinadora Interna
Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP

DEDICATÓRIA

A Deus, minha maior fortaleza.

A base de tudo, minha família: meu esposo, meus pais e minhas irmãs, que sempre estiveram ao meu lado, me incentivando e apoiando durante todo o período de elaboração deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ser a maior certeza de que tudo daria certo desde o princípio.

Ao meu esposo, Rafael, maior incentivador na minha escolha por fazer esse curso de mestrado, por sua companhia, paciência diante das minhas ausências, por seu cuidado e amor.

Aos meus pais, Joseilson e Diana, meus primeiros referenciais no campo dos estudos, eterna gratidão por seus cuidados, atenção, carinho, presença e apoio em todos os momentos da minha vida.

A Déborah e Dayse, minhas irmãs, minhas primeiras companheiras na vida, sempre estiveram ao meu lado me apoiando, me incentivando e me proporcionando muitas alegrias.

À Prof^a. Véronique Donard, minha orientadora, pela sua dedicação e competência, trazendo questões que foram contribuindo para o meu evoluir enquanto trabalho de escrita.

À Prof^a. Maria Consuelo Passos, pelas contribuições desde o início da caminhada, antes mesmo do meu ingresso no curso de Mestrado, e por sua leitura sempre implicada e sugestões para este trabalho ao longo do percurso de sua construção.

À Prof^a. Elaine Magalhães Costa Fernandes, pela sua disponibilidade e interesse que se mostraram muito presentes nos momentos em que nos encontramos, culminando em preciosas colaborações com este trabalho.

Aos participantes desta pesquisa, que estiveram sempre disponíveis em contribuir com o presente estudo, abertos a falar de suas vidas, de suas angústias e inquietações, meu muito obrigado. Suas participações foram fundamentais para tornar esta pesquisa possível.

Aos meus amigos do EPSI – Espaço psicanalítico, que tanto me inspiraram, incentivaram e apoiaram para que tudo fosse possível diante do fazer este curso de Mestrado. Amigos que sempre se fizeram presentes de diversas formas, mas principalmente através de uma forma, que é a marca das pessoas dessa instituição, o cuidado. Em especial cito a pessoa de Neuma Barros, que muito contribuiu nesta minha empreitada.

Aos meus amigos do LABORE – Laboratório de Psicopatologia Fundamental do EPSI, mais que um grupo de pesquisa em Psicanálise, mas um verdadeiro grupo de amigos que estiveram contribuindo e torcendo por mim todo o tempo. Em especial destaco a pessoa de Ronaldo Monte, coordenador, amigo, que sempre me acolheu e ajudou com sua competência teórica e presença sensível.

A Luísa, prima, amiga, parceira na profissão, que juntamente com Rafael (esposos) e Théo (filho) me acolheram tão bem em sua casa, viabilizando assim minha estadia em Recife para o cumprimento de disciplinas. E, tornaram, esse tempo que seria de ausência da família, uma presença muito feliz.

A Romina Cácia, uma amizade que se fortaleceu diante de nossas vivências acadêmicas e que até hoje me ajuda, me incentiva, neste trabalho em específico, contribuiu não só com a tradução do resumo para o inglês, mas com a minha sustentação diante dos momentos de finalização.

Aos amigos que o mestrado me proporcionou, em especial a tão querida “turma da miçanga”, composta por Guáira, Eglailza, Jonatas, Mariana e Roseane, pela companhia, amizade, carinho e apoio, sem as nossas trocas e os momentos das “amenidades” (termo empregado muitas vezes pela amiga querida Mariana), tudo seria bem mais difícil.

A Viviane Rezende, pela leitura atenta e cuidadosa na revisão do texto.

A todos que estiveram ao meu lado, direta ou indiretamente, contribuindo para a consolidação deste momento.

“As certezas do caminho”

De tudo, ficaram três coisas:

A certeza de que estamos começando.

A certeza de que precisamos continuar.

*A certeza de que seremos interrompidos
antes de terminar.*

Portanto devemos:

Fazer da interrupção um novo caminho.

Da queda um passo de dança.

Do medo uma escada.

Do sonho uma ponte.

Da procura um encontro.

(Fernando Sabino).

RESUMO

Considerando a escassez de publicações científicas em língua portuguesa, em psicologia, sobre a relação do ser humano com as novas tecnologias de informação e comunicação, esta pesquisa de mestrado busca investigar as possibilidades que essa nova cultura promove para um trabalho de significação identitária. Interessamo-nos pela população jovem da cidade de Itacuruba, que se localiza na microrregião do sertão do São Francisco, inundada em 1988 para a construção da barragem de Itaparica. Sua população passou a morar em uma cidade recém-construída e a vivenciar uma realidade de adaptação diante das perdas deixadas pela extinção de seu lugar constituinte. A nova configuração acarretou mudanças importantes para o campo da dimensão identitária dessas pessoas. Não só a cidade foi submersa, mas a história de cada habitante. Além disso, durante um tempo, pôde ser identificado um crescente estado de adoecimento das pessoas na nova cidade, com uma estatística preocupante de casos de depressão e suicídios. Tal realidade atingia principalmente a população jovem. Ao mesmo tempo, crescia no cenário mundial a utilização dos recursos tecnológicos de informação e comunicação, possibilitando novas formas de relações. Nascia, portanto, uma geração pertencente a este universo digital, que começou a circular pelo ciberespaço de modo fluido e a construir nele novas modalidades e expressões identitárias. Assim, o objetivo principal desta pesquisa se coloca da seguinte forma: analisar de que modo o uso das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação favorecem a elaboração da questão identitária dos jovens de Itacuruba, na sua relação com a cidade. E os secundários: analisar de que modo existe a referência da antiga cidade para os jovens que vivem hoje em Itacuruba; verificar como se dá o uso das tecnologias digitais para os jovens em estudo; e compreender de que modo as redes sociais modificaram a vida dos jovens de Itacuruba. Para elucidação do estudo foi utilizado um referencial teórico que trabalha a temática da identidade a partir da psicologia social, da psicanálise e da ciberpsicologia, conceituando e contextualizando as relações que se processam no ciberespaço. A metodologia da pesquisa é de natureza qualitativa e inclui um trabalho de netnografia, método de pesquisa aplicada ao ambiente das novas tecnologias, desenvolvida de modo presencial e através de suporte tecnológico para observação do campo da pesquisa e acesso aos participantes por meio da etapa de entrevista semiestruturada. O recurso de tratamento dos dados foi a análise de conteúdo, proposto por Bardin. E como resultado ficou evidenciado que há uma presença significativa das novas tecnologias no cotidiano dos jovens na cidade, de modo que este universo passa a produzir um novo sistema de referências para o viver em Itacuruba.

Palavras-Chave: Ciberpsicologia; Identidade; Itacuruba; Netnografia; Novas Tecnologias de Informação e Comunicação; Psicanálise.

ABSTRACT

Considering the scarcity of scientific publications of Psychology in Portuguese about the relation of the human being with the new information and communication technologies, this master's research intends to investigate the possibilities that this new culture promotes for a work of identity significance. We are interested in the young population of the city of Itacuruba, which is located in the micro-region of the hinterland of São Francisco's river, flooded in 1988 for the construction of the Itaparica dam. Its population began to live in a newly constructed city and to experience a reality of adaptation due to the losses left by the extinction of its constituent place. The new configuration led to important changes in the field of the identity dimension of these people. Not only the city was submerged, but the history of each inhabitant. Moreover, for a while, a growing state of illness in the new city could be identified, with an increasement of cases of depression and suicides. This situation affected mainly the young population. At the same time, the use of the resources of information and communication technologies was increasing in the world scenario, allowing the breaking of borders and new forms of relations. A generation belonging to this digital universe was born, which began to circulate through cyberspace in a fluid way and to construct new modalities and expressions of identity in it. Therefore, the main objective of this research is to analyze how the use of the New Information and Communication Technologies favors the elaboration of the identity issue of the young people of Itacuruba, in their relationship with the city. And the secondary objectives are to analyze in which way the reference of the old city exists for the young people who live today in Itacuruba; to verify how digital technologies are used for the young people under study; and to understand how social networks have modified the lives of young people in Itacuruba. In order to elucidate this study, it was used a theoretical reference that works on the identity theme based on Social Psychology, Psychoanalysis and Cyberpsychology; conceptualizing and contextualizing the relationships that take place in cyberspace. The methodology of the research is qualitative and includes a work of Netnography, method of research applied to the environment of new technologies, developed in person and through technological support for observation of the field of research and access to the participants through semi-structured interviews. The data processing resource was the content analysis, proposed by Bardin. And as a result it was evidenced that there is a significant presence of new technologies in the daily life of young people in the city, so that this universe starts to produce a new system of references to live in Itacuruba.

Keywords: Cyberpsychology; Identity; Itacuruba; Netnography; New Information and Communication Technologies; Psychoanalysis.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. CARACTERIZAÇÃO E JUSTIFICATIVA DO ESTUDO	14
1.1. Construindo a fundamentação teórica.....	18
1.2. Objetivos pretendidos com o estudo.....	24
1.3. Metodologia: os caminhos da pesquisa.....	24
1.3.1. Participantes.....	25
1.3.2. Critérios de Inclusão e Exclusão.....	26
1.3.3. Instrumentos.....	26
1.3.4. Local do Estudo.....	27
1.3.5. Coleta de dados.....	27
1.3.6. Análise dos dados.....	30
1.3.7. Dificuldades, riscos e benefícios.....	31
1.3.8. Composição da dissertação.....	32
CAPÍTULO 2	34
2. ITACURUBA DE ONTEM E DE HOJE	35
2.1. Conhecendo Itacuruba de “Ontem”.....	37
2.2. Conhecendo Itacuruba de “Hoje”.....	42
2.3. Perfil da população de Itacuruba de ontem e de hoje.....	46
CAPÍTULO 3	50
3. SUJEITO EM TEMPOS DE DIGITALIDADE	51
3.1. O que chamamos de <i>Era Digital</i> ?.....	53
3.2. Conhecendo o ciberespaço.....	56
3.3. A relação do sujeito contemporâneo com o tempo e o espaço.....	58

3.4. Identidade, Cultura e Contemporaneidade.....	61
CAPÍTULO 4.....	63
4. A IDENTIDADE.....	64
4.1 Trabalhando a identidade: uma visão psicológica.....	66
4.1.1 Na psicologia social.....	66
4.1.2. Na psicanálise.....	69
4.1.3. Na ciberpsicologia.....	73
4.2. Sobre o que se constrói de modo identitário no espaço digital.....	76
5. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS, RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	78
5.1. Metodologia de análise.....	79
5.2. Perfil dos participantes do estudo.....	82
5.3. O que podemos falar da relação do sujeito da pesquisa com a cidade de Itacuruba.....	85
5.4. O sujeito da pesquisa e suas relações pessoais.....	89
5.5. O que podemos falar da relação do sujeito da pesquisa com as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação.....	94
5.6. Resultados Alcançados.....	105
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	109
7. REFERÊNCIAS	115
ANEXOS.....	122
Anexo 1 - MODELO TCLE	123
Anexo 2 - FORMULÁRIO DE PESQUISA	124
Anexo 3 - ROTEIRO DE ENTREVISTA	125
Anexo 4 – PARECER COMITÊ DE ÉTICA	126

O presente estudo trata da realidade vivenciada pela população da cidade de Itacuruba diante de dois tempos de sua história, o ontem e o hoje. O ontem, que carrega a marca de uma destruição e o hoje, o viver na nova cidade diante de um novo tempo – a *Era Digital*.

No passado, com a construção de uma barragem, Itacuruba teve suas terras inundadas e sua sede transferida para outro local. Segundo um estudo de doutorado, de Maria do Socorro Fonseca Vieira Figueiredo, intitulado “Exílio: Pertencimentos e Reconhecimentos em populações deslocadas – o caso Itacuruba” (2011), o viver na localidade ficou comprometido após essa mudança. A autora percebeu que a antiga cidade se fazia muito presente no discurso dos moradores de Itacuruba, e, com isso, concluiu que uma questão identitária se mostrava problemática.

A partir desse referencial, nos questionamos sobre como essa questão identitária se elabora atualmente na população, que vive em um novo lugar, marcado por uma ruptura na sua história, mas também em um novo tempo, marcado pela disseminação das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC). Trata-se de um novo espaço que oferece ao sujeito um universo de possibilidades, enquanto relação: novos vínculos, quebra de fronteiras e a construção de novas culturas e identidades. (Donard, 2015).

Em Itacuruba percebemos sinais desse novo tempo, alcançando a realidade até então identificada. Através das mídias sociais, detectamos perfis na rede, que fazem referência à história da cidade, outros que trazem conotações positivas, quando não ideais. Assim, o tema “cidade” vinha se fazendo presente no espaço das redes sociais, através de grupos e páginas no *facebook* como: “Itacuruba ontem, hoje”, “Itacuruba em risco, e nós onde estamos?”, “Itacuruba City”, “Itacuruba – PE”, “Portal Itacuruba”, “Itacuruba feliz”.

Diante dessas informações, objetivamos pesquisar de que modo o uso das Novas Tecnologias de Informação e de Comunicação favorecem a elaboração da questão identitária dos jovens de Itacuruba, na sua relação com a cidade. E, avançando nesse caminho, reconhecemos que, de fato, nos deparamos com transformações que demarcam a chegada de cada novo tempo. São novos cenários, novas configurações e, conseqüentemente, novos arranjos, que convocam o sujeito a dialogar com o que está acontecendo à sua volta. São descobertas e novas formas de se relacionar em um mundo que é tão humano, mas, que tem, hoje, na sua relação com os dispositivos eletrônicos, o seu maior desafio enquanto lugar de significação.

As transformações partem de uma realidade macrossocial, e atingem o viver em pequenas cidades, como no caso do presente estudo. Porém, a cidade escolhida nessa pesquisa difere das outras, também pequenas, por sua história. Uma história que tem um referencial importante enquanto representação. Há 28 anos, Itacuruba foi destruída para a construção de uma obra arquitetônica, que pretendia trazer progresso para a região. Um progresso que transformou de modo inverso aquele lugar: “da riqueza fomos pra pobreza” (Anônimo – “De profundis”, 2014)¹. Fala local que faz referência a uma falta que não é só física, mas subjetiva também. Uma falta do que foi investido enquanto existência, enquanto identidade.

Desde que a temática foi pensada, toda uma trajetória passou a ser delineada, trazendo consigo muitos desafios pessoais e a necessidade de amadurecimento teórico e metodológico. Houve um tempo inicial de adaptação e de inseguranças, que foram se transformando em confiança, a partir do trabalho que estava sendo construído, bem como a certeza da sua importância, demarcando cada vez mais a vontade de avançar. No que se refere ao evoluir dessa construção, fazemos nossas as palavras de Clarice

¹ Fala de um morador de Itacuruba no documentário de curta metragem *De Profundis*. Organizado por Isabela Cribari, 2014.

Lispector (2014, p. 200): “sua urgência era tranquila. Não uma urgência que o fizesse querer pular etapas, mas urgência igual à da natureza: sem um instante perdido, quando a própria pausa era um avanço”.

O avanço foi se concretizando em todos os pontos do estudo, a começar pelo delineamento da proposta teórica, que englobando questões inerentes à história da cidade e à temática da identidade, seguimos a partir do pensamento da psicologia social, da psicanálise e da ciberpsicologia², conceituando e contextualizando as relações que se processam nesse universo atual da ciberpsicologia. Sendo a psicanálise o referencial que atravessa todo o estudo.

A metodologia utilizada compõe uma pesquisa de natureza qualitativa, utilizando os recursos da netnografia, da observação de campo e da aplicação de uma entrevista semiestruturada. Contamos ainda, neste estudo, com o material de pesquisa da tese de Maria do Socorro F. V. Figueiredo (2011) para consulta e interlocução. A análise dos dados foi feita através do método de análise de conteúdo de Bardin.

Por fim, cientes de que trabalhamos com uma temática que abre possibilidades para muitas indagações, ressaltamos que não há aqui a pretensão de esgotar o tema, mas, sim, abrir caminhos para que se possa conhecer e avançar os estudos em uma área tão importante para a dimensão psicológica e social contemporâneas.

² Por ciberpsicologia se entende: ramo da psicologia que surge diante do desenvolvimento crescente das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação a partir do final do século XX. É uma ciência que, segundo, o psicólogo e psicanalista francês, Benoît Virole, estuda o acoplamento entre os processos psíquicos e os sistemas de ações virtuais. (Donard, 2015).

1. CARACTERIZAÇÃO E JUSTIFICATIVA DO ESTUDO

A realidade apresentada no século XXI possui a marca da tecnologia. É um processo por meio do qual transformações foram acontecendo no cenário social e se ampliando para as vivências cotidianas do ser humano. Essa é a cultura que se consolida na atualidade, denominada cibercultura³. Segundo Joel Birman (2001), o elo, cultura e psicanálise, constitui um saber fundamental para pensar o sujeito e o seu psiquismo, desde o tempo de Freud, e se propaga até hoje.

Freud afirma em o “Mal-Estar na Civilização” que “culturais são todas as atividades e valores que são úteis para o ser humano” (Freud, [1930] 2010, p. 50). Nesse mesmo texto já dizia que “épocas futuras trarão novos, inimagináveis progressos nesse âmbito da cultura” (Freud, [1930] 2010, p. 52).

Considerando o tempo atual, segundo Pierre Lévy (2010) é preciso reconhecer que, a partir do uso das tecnologias, há mudanças qualitativas no universo dos signos, no ambiente inédito que resulta da extensão das novas redes de comunicação para a vida social e cultural.

Em Itacuruba, houve uma ruptura com o referencial cultural vigente antes da construção da barragem de Itaparica. Não foi possível mais para essa população contar com a prática da agricultura, atividade de subsistência que trazia prosperidade para a região. Atualmente, a tecnologia se faz presente na cidade. A maioria das casas possui rede *wifi* e existe uma rede pública desse serviço na praça principal da cidade. O comércio é pouco desenvolvido e grande parte da população depende profissionalmente de cargos públicos. A ociosidade é uma palavra bastante utilizada para descrever o viver em Itacuruba após a transposição. Mas, com o passar do tempo, surgem novas gerações na cidade, e os referenciais do ontem e do hoje se entrelaçam e qualificam o existir dessa população. Um existir marcado pela falta, e, ao mesmo tempo, pela esperança no futuro.

³ “... conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (LÉVY, 2014, p. 17).

Podemos falar aqui em esperança considerando, inicialmente, o momento em que lá estivemos para conhecer a cidade e dar início à etapa de campo da pesquisa. Conversando com as pessoas, pudemos constatar uma realidade diferente da descrita, em 2011, na tese de Maria do Socorro F. V. Figueiredo, já que a população, hoje, não demonstrou de modo prevalente, a necessidade de falar da antiga cidade. Apesar das limitações as pessoas de Itacuruba estavam seguindo com o viver naquela nova cidade.

Contudo, falar do passado, ainda parecia não ser confortável. Vale ressaltar também que, ao pesquisar sobre Itacuruba na internet, na página *Wikipédia*, no ano de 2015, identificamos que o referencial da antiga cidade vinha sendo apresentado, e, atualmente, não encontramos mais esta descrição no referido site. Esta página foi atualizada em 28 de janeiro de 2017, e tal constatação nos fez pensar que, assim como a cidade, a história também foi submersa. Como fundamento para este estudo, baseamos nos no seguinte questionamento: é possível um sujeito viver sem história?

É a história de Itacuruba que caracteriza um dos referenciais da nossa pesquisa. Uma história que pudemos encontrar no ciberespaço⁴ através dos perfis coletivos nas redes sociais. Dentre esses perfis encontrados, destacamos um, “Itacuruba ontem e hoje”, inspiração para o título desta pesquisa, no qual nos deparamos com a seguinte descrição: “nossa cidade, nossa saudade: Itacuruba, doces lembranças”. Segundo dados retirados do próprio perfil do grupo no *facebook*, este foi criado para contribuir com a história dessa população, resgatando lembranças e também mostrar a beleza da nova cidade. Um espaço de registro de uma lembrança e, ao mesmo tempo, um espaço de registro de uma nova cidade. Este fato nos instigou a considerar a tecnologia um meio pelo qual é possível resgatar e dar sentido a essa história, e desse modo pesquisar sobre

⁴ Novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores. Compreendendo a infraestrutura material da comunicação digital, bem como o universo de informações que ela abriga, e como o ser humano alimenta e navega neste ambiente (Lévy, 2010).

as possibilidades de subjetivação e de reconstrução oferecidas pelas novas tecnologias para esta população concreta, mais especificamente, para a população jovem de Itacuruba.

Os jovens foram escolhidos por ser a faixa etária predominante no município, bem como, segundo dados da tese acima citada, a quantidade de “jovens depressivos”, no município, ser crescente e ter impressionado a autora Maria do Socorro F. V. Figueiredo. Por fim, atualmente, por pertencerem ao grupo social de grande adesão à utilização dos recursos inerentes ao contexto da *Era Digital*.

Segundo Pierre Lévy, o ciberespaço resulta de um movimento internacional de jovens ávidos para experimentar formas de comunicação diferentes daquelas que as mídias clássicas proporcionavam, originando um lugar capaz de veicular e instigar as potências de um novo sujeito ágil e informatizado (Lévy, 2010).

Temos então, novas formas de inserção social, de relacionamentos, de pertencimentos e de memória, bem como outros diversos parâmetros de conduta e ideais disponíveis na cultura que estão produzindo novas imagens de Eu, novas definições do que somos e novas perspectivas de vida (Barbosa et al., 2013).

Freud já havia mostrado a possibilidade de considerar conjuntamente, em um estudo de cunho psicanalítico, psicologia individual e psicologia coletiva. No texto “Psicologia das massas e análise do Eu”, ele afirma que: “Na vida psíquica do ser individual, o outro é via de regra considerado enquanto modelo, objeto, auxiliador e adversário, e, portanto, a psicologia individual é também, desde o início, psicologia social, num sentido ampliado, mas inteiramente justificado” (Freud [1921], 2010, p. 14).

A expansão da tecnologia passou a atingir não só a vida individual, mas coletiva, na medida em que, nas cidades, novos contextos já se consolidam enquanto roupagem desse novo tempo. Nas cidades crescemos e vivemos relações singulares ao tempo que

funcionais, onde se dá a simbolização de elementos que constituem nossa identidade, e onde nossos vínculos tecem histórias.

Com o passar do tempo, muitas transformações marcaram o viver em Itacuruba. Um novo tempo se apresenta, trazendo consigo mais do que um novo espaço físico, representado pela nova cidade, um sistema de referências, através das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC) que, por sua vez, promovem novos investimentos no campo psicodinâmico, a partir de modelos, espelhamentos, identificações e reconhecimentos. Graças a esse processo, algo próprio do sujeito vai se constituindo. E, nesse sentido, nos caminhos da pesquisa, um novo contexto pode se delinear enquanto realidade.

1.1 Construindo a fundamentação teórica

A relação sujeito e tecnologia, enquanto tema de estudo no espaço acadêmico, encontra-se em ascensão, assim como acontece com a realidade social desse novo tempo. E, a partir dessa nova referência cultural, tornam-se visíveis os elementos chave da contemporaneidade, a identidade e o ciberespaço que, na presente pesquisa, serão estudados considerando a história da cidade de Itacuruba.

Trabalhamos, nesta pesquisa, com o tema da identidade, inicialmente por considerarmos a história da cidade de Itacuruba, bem como a consolidação das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC) demarcando o viver contemporâneo e, mais especificamente, o viver em Itacuruba.

No que se refere ao fato histórico que marcou a vida da população de Itacuruba, na tese de Figueiredo (2011), o termo identidade é amplamente utilizado em uma perspectiva antropológica, ressaltando uma problemática que atinge os habitantes de

Itacuruba de modo significativo. Esta tese se tornou um referencial importante para demonstrar que a temática é coerente à nossa pesquisa.

O cenário social atual é marcado pela *Era Digital*, colocando novos modos de relação entre o sujeito e a sociedade. Com isso, o conceito de identidade passa a ser empregado em uma dimensão que demanda novos parâmetros de compreensão, que possam contemplar essa realidade de transformações. Bauman (2005) descreve o tempo atual como marcado por uma “grande transformação”, que atinge os campos da política, as condições de trabalho, a produção cultural, a subjetividade coletiva, a vida cotidiana e as relações entre o eu e o outro.

Etimologicamente, o termo identidade deriva do latim “*identitas*”, e significa qualidade do idêntico. Este, por sua vez, origina-se do pronome demonstrativo “*idem*”, “o mesmo” (Góis, 2011). Trazendo novamente o pensamento de Bauman, a identidade deve ser considerada como um processo contínuo de redefinir-se e de inventar e reinventar a própria história. Um processo que inclui “a passagem da dimensão individual, que a identidade sempre tem, para sua codificação como convenção social” (Bauman, 2005, p. 13). Porém, vale ressaltar que sua conceituação interessa a vários campos do conhecimento, com isso sua definição acompanhará o enfoque teórico a que estiver vinculado.

Na psicologia, é uma temática que vem sendo estudada, ao longo do tempo, por teóricos da área social, tendo em vista que é um conceito que, de modo implícito, articula indivíduo e sociedade (Rosa, 1998). Segundo Antonio da Costa Ciampa, pesquisador que possui um reconhecimento por dedicar suas pesquisas ao tema da identidade, “cada indivíduo encarna as relações sociais, configurando uma identidade pessoal. Uma história de vida” (Ciampa, 2005, p. 132). Assim, a história que se

constrói forma o referencial para a representação de si mesmo. O foco nesta teoria é o contexto social.

A psicanálise, por sua vez, tem outra referência enquanto teorização: é o sujeito que está no centro de seus estudos. No entanto, a relação indivíduo e mundo externo está presente na obra Freudiana, em textos como “Introdução ao Narcisismo” [1914], “O Ego e o Id” [1923], “O mal-estar na civilização” [1930], entre outros. Na teoria psicanalítica não encontramos o termo identidade utilizado de maneira isolada, comumente ele é aplicado a um contexto específico e, desse modo, diante de uma nova realidade social, a psicanálise começa a se valer do termo para qualificar temas que em outros tempos não se faziam presentes.

O novo contexto social, os novos formatos de relações, as novas demandas clínicas convocam a psicanálise a um diálogo com o tema da identidade. Na literatura psicanalítica atual encontramos autores promovendo essa interlocução por considerar a necessidade do tema para compreender as modalidades subjetivas atuais. Podemos destacar alguns como exemplo: Paulo Roberto Ceccarelli nos artigos “Mal-Estar na identificação” e “Identidade e instituição Psicanalítica”; Christian Ingo Lenz Dunker e Fuad Kyrillos Neto no artigo intitulado “Identidade e a Degradação da Carne”; Miriam Debieux Rosa no texto “A psicanálise frente à questão da identidade”; Agnès Oppenheimer no artigo traduzido do francês “O retorno de identidade em psicanálise: perspectiva histórica e crítica”, dentre outros.

Em todos estes trabalhos, há o reconhecimento de uma falta do termo identidade na literatura psicanalítica, mas considera-se que é possível compreender a temática levando-se em conta outros conceitos. De acordo com Ceccarelli, “a questão identitária não pode ser tratada sem levar em conta a noção de identificação: por falta de identidade, o ser humano é "condenado" à identificação” (1999, p. 3). Dunker e

Kyrillos (2006) ressaltam que a descrição de processos identitários remete imediatamente à teoria do narcisismo em Freud e sua releitura por Lacan com o Estádio do Espelho. Segundo Miriam Debieux Rosa (1998), é pertinente para a psicanálise pensar o homem na sua interface com os fenômenos sociais e os efeitos mútuos, pois Freud já o fazia em seu tempo.

O psicanalista Paulo Roberto Ceccarelli trabalha o tema da identidade de modo a considerar como o resultado consciente dos processos inconscientes de identificação. E estando ligada aos processos identificatórios, a identidade só poderá ser pensada enquanto forma dinâmica (1999). O Professor Antonio da Costa Ciampa (2005) também defende a reflexão acerca da identidade enquanto fenômeno em metamorfose, em transformação. No partilhar desse pensamento as teorias se encontram.

Voltando-se novamente ao tempo atual, com as relações mediadas cada vez mais pelos recursos tecnológicos e a internet sendo denominada “o tecido de nossas vidas” (Castells, 2003, p. 7), surge um novo campo de conceituação para o tema da identidade, dando origem ao termo “identidade digital”. Fanny Georges trabalha com o tema da identidade digital a partir da noção de representação de si diante do novo referencial cultural, que é o meio tecnológico. Ela parte do princípio de que “a vida cotidiana, muitas vezes, leva o sujeito a conceber uma representação de si mesmo” (Georges, 2009, p. 169 – Tradução nossa do artigo “Représentation de soi et identité numérique: une approche sémiotique et quantitative de l’emprise culturelle du web 2.0”). No entanto, considera a representação de si apenas como parte da identidade digital.

Na evolução etimológica do termo identidade, já nos foi possível observar que se trata de um processo dinâmico que envolve mais do que a dimensão pessoal, mas que contempla também o contexto social. A identidade digital abrange esta compreensão e a

expande, na medida em que se estende ao universo marcado pelas Novas Tecnologias de Informação e Comunicação.

Em termos de definição, a identidade digital pode ser compreendida segundo Olivier Ertzscheid, no livro *Qu'est-ce que l'identité numérique? Enjeux, outils, méthodologies*, como: traços (escrita, áudio ou conteúdo de vídeo, mensagens em fóruns, logins etc.) que deixamos, consciente ou inconscientemente, ao longo da nossa navegação na rede e o reflexo deste conjunto de traços, como eles aparecem “remixados” pelos motores de busca (Ertzscheid, 2013, p. 15 – Tradução nossa).

Com a realidade digital, é possível ter, o tempo todo, espaços de transformação, espaços que ampliam as possibilidades de representação de si e de representação social, onde o olhar do outro está cada vez mais presente. E aqui, mais uma vez, acontece o encontro entre as teorias psicológicas, psicanálise, psicologia social e agora a ciberpsicologia.

No ciberespaço, a noção de presença se transforma, com a evolução dos dispositivos de comunicação há uma mudança na relação do indivíduo com o outro. Fanny Georges afirma: “estudar a identidade no contexto da web 2.0 permite melhor compreender como as interfaces digitais mudam o olhar focalizado sobre si, sobre o Outro e sobre o mundo” (Georges, 2009, p. 167 – Tradução nossa). É nessa perspectiva que, neste estudo, se estabelece a dialética entre o tema identidade e os processos de identificação.

Partimos, então, da convicção de que a psicanálise vai sendo convocada a pensar sobre o que se processa a partir da relação do sujeito com os recursos inerentes a esse tempo da digitalidade e, assim, poder identificar suas qualidades e dinâmica. Pois como afirma Pierre Lévy, estamos diante de uma novidade ao tratarmos desse campo do

digital, mas é preciso reconhecer que existem mudanças qualitativas a partir da extensão das novas redes de comunicação para a vida social e cultural (Lévy, 2010).

Empregamos o termo “digitalidade” para caracterizar a temporalidade do mundo atual. Tempo marcado pela intensificação do uso de suportes digitais de comunicação, que atinge não só nossas vivências, mas também o campo cognitivo, percepções, pensamentos e o campo psicoafetivo (Donard, 2016).

Em “O Mal-Estar na Civilização” [1930] Freud fala da existência de um sentimento de vinculação indissolúvel, de comunhão com todo o mundo externo, que evolui para uma separação, na qual o Eu se constitui na íntima ligação com o ambiente a sua volta (Freud [1930], 2010). Nesse sentido, se estabelece um transitar, que podemos visualizar de modo prevalente na utilização dos suportes digitais. No espaço que contempla o universo das novas tecnologias, estamos continuamente transitando entre o público e o privado. Um tipo de relação que, ao mesmo tempo, é singular e se dissemina, atingindo uma exteriorização e uma amplitude com a qual o sujeito estará em constante adaptação. Isso porque é um campo que se transforma a todo o momento, e de modo cada vez mais acelerado. É um cenário que já está consolidado, com um nível elevado de participação. Nesse sentido é relevante destacar o que afirma Véronique Donard:

É importante compreendermos que as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC) não revolucionaram nossas vidas pelo simples fato de existirem: seu verdadeiro impacto consiste no fato de elas permitirem que nos comuniquemos com uma eficácia cada vez maior. Pois são os novos solos que emergiram das teias tecidas por nossos vínculos que verdadeiramente permitiram o surgimento de uma nova realidade (...) (Donard, 2016, p. 38).

Um solo que podemos considerar muito fértil para o cultivo e a exploração de novas experiências, um lugar de produção subjetiva sobre o qual podemos construir e transitar. Solo este bastante explorado pelos jovens, atualmente. Sob o qual se edifica

uma nova geração, que já nasceu na *Era Digital*, e que passa a se relacionar a partir de um referencial que é próprio à sua realidade.

1.2 Objetivos pretendidos com o estudo

Objetivo Geral

Analisar de que modo o uso das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação favorecem a elaboração da questão identitária dos jovens de Itacuruba, na sua relação com a cidade.

Objetivos Específicos

- Analisar de que modo existe a referência da antiga cidade para os jovens que vivem hoje em Itacuruba.
- Verificar como se dá o uso das tecnologias digitais para os jovens em estudo.
- Compreender de que modo as redes sociais modificaram a vida dos jovens de Itacuruba.

1.3. Metodologia: os caminhos da pesquisa

Este trabalho de dissertação foi construído a partir de uma pesquisa de natureza qualitativa, visto que nosso caminho se consolida enquanto investigação dos aspectos subjetivos inerentes na relação com o espaço proveniente das novas tecnologias. Nesse sentido, essa metodologia foi considerada mais adequada para contemplar esse campo das significações. O universo tecnológico também se faz presente no estudo enquanto

ferramenta metodológica da área de comunicação digital, através da netnografia. A netnografia é um método qualitativo, que deriva da etnografia, buscando preservar o trabalho que é possível desenvolver a partir de um campo etnográfico em um meio eletrônico. Ou seja, contar com um recurso técnico através do qual é possível fazer observação e análise das dinâmicas interativas que demarcam este contexto da pesquisa. E, para contemplar dados da história de Itacuruba, contamos com o referencial teórico da já citada tese em antropologia de Maria do Socorro Fonseca Vieira Figueiredo (2011).

1.3.1. Participantes

Participaram da pesquisa sete pessoas que compõem a população jovem da cidade de Itacuruba, sem critério de gênero, com faixa etária de 19 a 25 anos, sendo seis do sexo masculino e uma do sexo feminino. Todos residindo na cidade durante a realização da pesquisa.

No momento em que estivemos em Itacuruba, 16 jovens demonstraram interesse em participar da pesquisa, nove do sexo masculino e sete do sexo feminino. Porém, quando chegou o tempo de solicitar e agendar sua efetiva participação, apenas sete se disponibilizaram. Assim, nove dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido, (TCLE) assinados ao tempo que estivemos na cidade, foram descartados.

Quanto à idade previamente estabelecida, houve uma alteração. Diante do interesse de um jovem de 25 anos de participar do estudo, consideramos ser possível incluí-lo, tendo em vista que a faixa etária pela que optamos inicialmente era de 18 a 24 anos. Pensamos que um ano a mais não traria diferença para o nosso referencial no estudo: população jovem.

Com o propósito de garantir o sigilo na pesquisa, os nomes dos participantes foram preservados. Apenas, criamos um perfil dos participantes, categorizando dados que se destacaram, envolvendo o campo de interesse teórico e metodológico do estudo. A presente pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética da Universidade Católica de Pernambuco, cujo registro é o CAAE 51203315.6.0000.5206.

1.3.2. Critérios de Inclusão e Exclusão

A delimitação dos participantes do estudo foi instituída pela pesquisadora e sua orientadora, seguindo critérios anteriormente estabelecidos. Dentre os critérios de inclusão, estão pessoas que fazem uso contínuo das redes sociais, naturais da cidade de Itacuruba e que atendam às delimitações especificadas na população alvo. E exclusão, não atender aos critérios de inclusão.

Dentre esses critérios, um deles não foi possível ser alcançando: que o participante tivesse nascido na cidade de Itacuruba. Considerando o tempo atual, no qual a maioria dos partos acontece no hospital, e não mais em casa, como era comum em tempos anteriores, e pelo fato de Itacuruba não ter maternidade, praticamente nenhum jovem nasce na cidade, mas sim em cidades vizinhas. Havíamos pensado nesse critério, por considerar o fato de nascer na cidade constituir uma referência primeira para o campo identitário. Os demais critérios foram todos atingidos.

1.3.3. Instrumentos

Para poder introduzir-nos no ambiente da investigação, usamos o espaço e a linguagem próprios do universo da pesquisa, desse modo, o computador e a *internet* constituíram elementos de trabalho essenciais. Primeiramente, foi realizada uma

observação do ambiente a ser pesquisado, inicialmente no ciberespaço, através de sites como: *wikipédia*, *facebook*, CREMEPE⁵, IBGE⁶ e, em seguida, presencialmente, obtendo assim um diário de bordo do estudo. E na sequência, através de suporte tecnológico, aplicação de um formulário criado com o recurso das novas tecnologias para contemplar os dados objetivos que demonstrassem os critérios de inclusão e exclusão indicados, e um questionário que segue o modelo de entrevista semiestruturada, apresentados em anexo. O instrumento que podemos considerar como principal foi a entrevista semiestruturada, na medida em que permitiu uma maior interação entre pesquisador e participante, e através da qual tivemos acesso direto à fala livre de cada sujeito diante da questão investigada. A tese de Maria do Socorro F. V. Figueiredo (2011) foi utilizada como instrumento de consulta e interlocução na pesquisa através do acesso a história da população de Itacuruba.

1.3.4. Local do Estudo

O estudo foi realizado na cidade pernambucana de Itacuruba.

1.3.5. Coleta de Dados

1. Inicialmente conhecemos Itacuruba no ciberespaço, navegando pelas diversas páginas web, redes sociais e blogs, onde a cidade era mencionada. Em seguida, viajamos para conhecer a cidade e as pessoas que lá moravam. Assim, conhecemos os participantes da pesquisa. Foi um momento no qual conversamos com a população e desde já começamos a fazer observações e adentrar mais na atmosfera da pesquisa.

⁵ CREMEPE: Conselho Regional de Medicina de Pernambuco.

⁶ IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Todas as observações foram devidamente registradas em um diário de bordo. A pesquisa foi apresentada aos participantes, ficando claro que a participação era de sua livre escolha, bem como esclarecidos do motivo e dos objetivos da pesquisa. Em seguida, foi solicitada a autorização dos participantes, através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Vale ressaltar que o cuidado com esse momento de esclarecer os objetivos do estudo foi importante para garantir um maior comprometimento do participante. Nesse momento, estávamos atentos em atender aos critérios de inclusão e exclusão da pesquisa. Na sequência, para que conseguíssemos continuar em contato com os jovens interessados em participar do estudo quando não estivéssemos mais em Itacuruba, além do TCLE, solicitamos o preenchimento de uma pequena ficha de identificação com dados referentes a e-mail e identificação pessoal nas redes sociais, *skype* e *facebook*, informações utilizadas, exclusivamente, para promover nosso contato.

2. Iniciando a etapa de coleta dos dados, foi solicitado aos participantes, individualmente, via e-mail, que respondessem em um formulário, cujo link de acesso constava no corpo do e-mail, as perguntas que contemplavam os dados objetivos relativos aos critérios de inclusão e exclusão da pesquisa, bem como informações complementares, que permitiram a criação do perfil dos participantes em estudo. Por meio desse recurso foi possível demonstrar expressamente que os critérios de inclusão estavam sendo atendidos, bem como as devidas mudanças e adaptações. O presente formulário consta em anexo.

3. Em seguida, mantivemos contato, mais uma vez, via e-mail para agendar a realização das entrevistas. Estas foram aplicadas através de suporte tecnológico, por meio de recursos de chamadas de vídeo. Os meios utilizados foram os seguintes

aplicativos: *Skype*, *Messenger* e o *Imo*. Todos permitiram o contato online e a interação. Encontramo-nos em data e horário pré-agendados com cada participante.

Para a entrevista, contamos com um conjunto de questões pré-definidas, mas mantivemos a liberdade de enunciar outras cujo interesse surgisse no decorrer da aplicação. Ou seja, as questões pré-definidas corresponderam a uma diretriz, mas não ditaram de forma rígida o transcorrer da entrevista. Ao longo da aplicação, inclusive, dúvidas surgiram, e através de uma conversa entre pesquisador e participante foi possível esclarecer os pontos tratados, com a devida atenção para não haver interferência na resposta do participante. A ordem com que as perguntas foram sendo feitas seguiu o formato previamente estabelecido. Não foi necessário fazer modificações no modelo pré-estruturado. Ao final das entrevistas, todos os participantes demonstraram estar disponíveis para contribuir com o que mais fosse preciso para o estudo. Houve também interesse em saber os resultados, quando ficassem prontos. O modelo da entrevista semiestruturada segue em anexo.

4. Diante da realidade histórica como referencial para a população de Itacuruba, constatamos a necessidade de utilizar o estudo de tese realizado na cidade no ano de 2011, por Maria do Socorro F. V. Figueiredo como material base para ter acesso à história contada pela população de ontem, pessoas que viveram a mudança da sede da cidade e, de algum modo, a transmitiram ao longo do tempo.

5. As observações realizadas no ambiente da pesquisa, devidamente registradas no diário de campo não foram analisadas, mas utilizadas como dados específicos que dizem da história dos sujeitos participantes da pesquisa.

6. Até finalizar o estudo não se fez necessário realizar outros momentos presenciais na cidade para poder ter acesso aos dados relevantes à pesquisa. Estivemos preocupadas em desenvolver uma pesquisa que promova uma metodologia

na qual possa existir uma dialética entre teoria e realidade encontrada, e assim poder elucidar questionamentos e promover uma contribuição para um campo de pesquisa tão emergente em nossa prática profissional.

1.3.6. Análise dos Dados

Nesta etapa, buscamos ter acesso às articulações feitas pelos jovens de Itacuruba enquanto história e relação com a tecnologia. Partimos do recurso da entrevista para poder ressaltar conteúdos e estabelecer um lugar de discussão.

Como primeiro componente para análise, através de dados objetivos, criamos o perfil dos participantes em estudo, principalmente no que se refere ao uso das tecnologias digitais, obtendo um referencial do sujeito da Itacuruba de hoje. As informações que constam são: idade; cidade em que residem; dispositivos com que acessam a internet; frequência do acesso; tempo de uso de redes sociais; de quais redes sociais participam. Em seguida, através dos dados da tese de Maria do Socorro F. V. Figueiredo (2011), conseguimos identificar o referencial da população da Itacuruba de ontem, e assim demarcar como se posiciona essa população diante de sua história, diante do viver na antiga e na nova cidade.

Iniciando a análise propriamente dita, utilizamos a técnica de tratamento bastante utilizada na pesquisa qualitativa, a Análise de Conteúdo. Utilizamos o método a partir da proposta de Laurence Bardin. Segundo a autora, a análise de conteúdo se constitui de várias técnicas, através das quais se busca descrever o conteúdo emitido no processo de comunicação, seja ele por meio de falas ou de textos. Desta forma, a técnica é composta por procedimentos sistemáticos que proporcionam o levantamento de

indicadores permitindo a realização de interpretação e inferência de conhecimentos. (Bardin, 1977).

Na sua composição, a análise de conteúdo é composta por três fases: pré-análise; fase exploratória; e tratamento dos resultados e interpretação. (Bardin, 1977). Essas etapas foram concretizadas a partir do momento em que todas as entrevistas foram transcritas. A leitura e análise do material coletado tiveram como objetivo identificar de que modo o referencial teórico se faz presente nos conteúdos do estudo. Nesse sentido, um universo de significações e interpretações foi construído.

1.3.7. Dificuldades, riscos e benefícios

Ao desenvolvermos uma pesquisa que explora o campo das Tecnologias Digitais, partimos do princípio de que a tecnologia não é considerada aqui um mero instrumento material, mas também uma forma de organização social. Segundo Fourez (1995) apud Nina e Macêdo (2005), as escolhas tecnológicas irão produzir o modo de vida social de um determinado grupo e caracterizar assim a opção de uma sociedade, guiando suas ações e comportamentos. Nesse sentido, considera-se a questão ética, que se sustenta através do impulso de sobrevivência das relações sociais civilizadas. Diante de uma nova realidade, que se impõe à nossa sociedade, são muitos os desafios. É um tempo que exige autogestão e um quadro de referência para que, no dia a dia, o sujeito possa buscar agir de forma ética e alcançar uma vida com melhor qualidade (Nina & Macedo, 2005).

Na presente pesquisa, uma dificuldade que poderia acontecer seria no que diz respeito aos incômodos que as dificuldades técnicas poderiam trazer, devido ao fato da coleta depender de suporte tecnológico, podendo ocasionar falhas e, conseqüentemente,

remarcação dos horários ou das datas de aplicação das entrevistas. Nesse caso, a solução oferecida seria remarcar para o dia e o horário mais conveniente para cada participante. Porém essa dificuldade não se deu e não foi necessário fazer nenhuma remarcação.

No que se refere a um risco para os participantes da pesquisa, consideramos que pudesse ocorrer uma comoção ao tratar de questões que envolvem a dimensão identitária, ao contar suas histórias de vida. De modo a poder prevenir e/ou remediar esta situação, a pesquisadora, na sua viagem a Itacuruba, procurou conhecer os profissionais de saúde da cidade, para poder sugerir aos sujeitos da pesquisa um acompanhamento psicológico ou médico, se isto lhe parecesse necessário. Mas também essa questão não se mostrou presente diante da realização do estudo.

Por fim, a contribuição do presente trabalho de dissertação é permitir que o participante se depare com os reais efeitos que o meio digital pode oferecer ao sujeito contemporâneo. Podemos considerar que isso aconteceu. Ao longo da interação nas entrevistas, as falas expressavam essa realidade. Muitos inclusive relataram já conseguir se apropriar das potencialidades que este universo oferece para as suas vidas, e assim uma realidade identitária com esse meio já se estabelece dentre os participantes do estudo.

1.3.8 Composição da Dissertação

O presente trabalho de dissertação segue em sua composição com a fundamentação teórica da pesquisa. Inicialmente, o capítulo dois contempla o universo que qualifica o campo da pesquisa; no capítulo três, o universo que qualifica a relação do sujeito com o tempo atual, o universo em estudo; e no capítulo quatro, o universo identitário que se estrutura a partir dos elementos presentes na história de Itacuruba e na

utilização das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação. Em seguida, é apresentada a análise das entrevistas, resultados e discussão. E por fim, as considerações finais.

No capítulo dois, “Itacuruba de ontem e de hoje”, trabalhamos a parte de dados históricos, estatísticos, reais do município de Itacuruba, lugar dividido em dois tempos enquanto história, e descrevemos o perfil e a caracterização de sua população.

O terceiro capítulo, “O sujeito em tempos de digitalidade”, aborda o conceito de *Era Digital*; apresenta o campo do ciberespaço; a relação do sujeito contemporâneo com o tempo e o espaço; e, por fim, faz uma articulação entre os temas identidade, cultura e contemporaneidade.

O capítulo quatro, “A identidade”, constitui um eixo fundamental do estudo e neste trabalhamos a temática de identidade a partir do referencial psicológico, explicitando as elaborações da psicologia social, da psicanálise e da ciberpsicologia; e ao final deste é feita uma reflexão teórica sobre o que se constrói de modo identitário no espaço digital.

No estudo, procuramos trabalhar com o tema da identidade que se expressa tanto a partir da história da cidade de Itacuruba, como diante da relação que se promove com o uso de recursos inerentes ao contexto digital. Para isso foi necessário ter uma visão panorâmica do que compreendiam os dados sobre Itacuruba, o que narra sua população de ontem e de hoje, e no hoje, contemplar as mudanças trazidas não só pela moradia em novas terras, mas também pelo universo que compreende a realidade das NTIC. Ao final, articulamos os dados coletados em convergência ou divergência com a teoria apresentada.

2. ITACURUBA DE ONTEM E DE HOJE

*Amar o perdido deixa confundido este coração.
Nada pode o olvido contra o sem sentido apelo do Não.
As coisas tangíveis tornam-se insensíveis à palma da mão.
Mas as coisas findas muito mais que lindas, essas ficarão.*
Carlos Drummond de Andrade⁷.

Dois tempos dividem a história de Itacuruba. E, nessa divisão, a memória se apresenta como o bem mais precioso de sua população. A passagem do tempo nesta região é marcada por um acontecimento que representa uma profunda transformação. Com a construção da barragem de Itaparica, Itacuruba sofre uma inundação. Sua população segue em procissão para habitar um novo lugar, com a promessa de ascensão social.

Foi um tempo de pouca compreensão, de falta de informação e de perdas irreparáveis das quais não se tinha dimensão. A Itacuruba de ontem era a Itacuruba de sempre. E a de hoje, a priori, demonstrava não ter representação. Falamos isso nos baseando na Itacuruba apresentada, falada por diversas fontes de informação, duas das quais foram as principais para o presente estudo, a tese de doutorado de Figueiredo (2011) e o documentário de Isabela Cribari (2014).

Antes de iniciarmos a pesquisa, os dados sobre a história da cidade revelavam uma localidade que parecia viver permanentemente um estado de luto, sob a referência, sempre presente, do antigo lugar, a representação era de uma impossibilidade de significação e elaboração da história vivida. Segundo estudos realizados pelo CREMEPE, Itacuruba era considerada uma cidade adoecida, com alto índice de suicídio (Perruci, 2006) e elevada utilização de medicação psicotrópica, inclusive dentre a

⁷ Andrade, C. D. Memória.

população jovem (Teixeira, 2007), público de interesse do presente estudo. (Pesquisado em 10 de julho de 2016: <http://cremepe.org.br>)

Diante das informações às quais estávamos tendo acesso, um estado de fragilidade emocional se sobressaía em Itacuruba. E o pano de fundo para isso, era de uma realidade social que vinculava tragédia, impotência e consequências desastrosas. Nesse sentido estávamos nos deparando com sujeitos afetados diretamente pelo mundo externo à sua volta. E, em psicanálise, essa relação é fundamental para a compreensão das questões que envolvem o mundo psíquico. Em o “Mal-Estar na Civilização” [Freud, 1930 /2010], o mundo externo é apresentado ao psiquismo a partir das experiências de prazer e de desprazer. Freud afirma que na vida psíquica haverá oscilações no que se refere à vivência dessas experiências, ora havendo dificuldades, ora facilidades.

Outra informação relevante para a pesquisa se refere à questão da localização geográfica da cidade, situada na microrregião do Sertão do São Francisco. Ela é isolada, de modo que, só vai a Itacuruba quem tem alguma finalidade no local (Figueiredo, 2011). Esse é um dado que, cotidianamente, traz muitas limitações para o seu desenvolvimento social e econômico e, conseqüentemente, para a população, que vive basicamente de empregos públicos, já que o comércio, que antes tinha seu diferencial atrativo, através da agricultura, com uma produção localizada, parecia não poder mais constituir sua principal fonte de renda. No entanto, a população encontrou na produção de tilápia uma saída para esta situação, e, atualmente, aparece como primeiro produtor do sertão pernambucano deste tipo de peixe (Barroso & Andrés, 2014).

Na busca por saber mais sobre a cidade, tivemos a informação de que a prefeitura disponibilizou sinal de internet móvel na praça pública, informação esta fundamental para concretizar o interesse da realização desta pesquisa, visto que percebemos que, de alguma forma, havia se pensado na tecnologia como um recurso

para aquela localidade. Um interesse local que coincide com a demanda da presente investigação, que é de promover um estudo que una dois elementos da contemporaneidade, a questão identitária e o ciberespaço, diante do referencial da história da cidade de Itacuruba.

2.1. Conhecendo “Itacuruba de Ontem”

*Nestes jardins – há vinte anos – andaram os nossos muitos passos, e aqueles que então éramos se contemplaram nesses lagos. Se alguém de nós avistasse o que seríamos com o tempo, todos nós choraríamos, de muita pena e susto imenso. E assim nos separamos, suspirando dias futuros, e nenhum se atrevia a desvelar seus próprios mundos. E agora que separados vivemos o que foi vivido, com doce amor choramos quem fomos nesse tempo antigo. **Cecília Meireles**⁸.*

Itacuruba é um município brasileiro do estado de Pernambuco, localizado na microrregião do Sertão do São Francisco. Às margens do rio São Francisco, a cidade tinha nove ilhas fluviais e uma bela paisagem, que lhe atribuía a denominação de "Jardim Sertanejo". (Wikipédia, 2015 – pesquisado em 03 de agosto de 2016: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Itacuruba>).

Demarcando sua história, a denominação de Itacuruba foi um distrito criado por ato municipal em 24 de novembro do ano de 1930, subordinado ao município de Floresta – PE. E, ao longo do tempo, muitas transferências aconteceram: em 1938, através de lei estadual, Itacuruba passa a ser distrito da cidade de Belém, em 1943, distrito do município de Jatinã, em 1953, deixa de ser distrito de Jatinã para ser de Belém de São Francisco. Foram sucessivas mudanças, até que em 20 de dezembro de 1963, Itacuruba deixa de ser distrito e passa a ser município. (Ibge, 2010 – pesquisado em 03 de agosto de 2016: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=260740&idtema=91&search=pernambuco%7Citacuruba%7Ccenso-demografico>

⁸ Meireles, C. O tempo no jardim.

-2010:-resultados-da-amostra-religiao-).

Desde os primórdios de sua fundação, consta de que a escolha do local para fundar a cidade de Itacuruba obedeceu ao critério de ser um lugar favorável ao desenvolvimento da população que ali habitasse. O fundador de Itacuruba faleceu em 1919, aos 70 anos de idade, lutando pelo progresso de sua terra, luta essa assumida desde sua juventude. (Wikipédia, 2015 – pesquisado em 03 de agosto de 2016: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Itacuruba>).

Esse é um dado que nos leva a pensar que, na base de sua construção, encontramos a busca pelo desenvolvimento da região escolhida para constituir a cidade, que desde o princípio recebe o nome de Itacuruba, que na língua Tupi-Guarani significa “Pedra furada” (“Ita”: pedra; “curuba”: cascuda ou furada). (Wikipédia, 2015 – pesquisado em 03 de agosto de 2016: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Itacuruba>). Um nome que por si só, também, é detentor de toda uma significação, a firmeza da rocha demarcava um lugar firme, onde as certezas predominavam, mas, através de um furo, foi possível se romper com todas essas certezas, e atravessar uma história.

A referência de lugar que a “Itacuruba de Ontem” apresenta é uma representação de “terra boa”, terras agricultáveis, produtivas que permitiam à população ter mais do que uma prática de sustento, era um meio de vida, uma realidade dotada de sentido, e assim como o nome, de uma significação. É como diz Clarice Lispector:

No mais fino e doído de seu sentimento ela pensava: vou ser feliz. Na verdade o era nesse instante e se em vez de pensar ‘sou feliz’ procurava o futuro era porque obscuramente escolhia um movimento para a frente que servisse de forma à sua sensação (Lispector, 2014, p. 124).

O tempo todo é possível perceber que a questão identitária está presente ao pesquisar sobre Itacuruba. A impressão é de que, como em um quebra cabeça, todas as peças se encaixam. Na fala de cada habitante, é possível perceber que há uma

identificação com um modo de vida que é próprio, singular e, ao mesmo tempo, coletivo, na medida em que é uma realidade comum a toda uma população. E desse modo, como diz Ciampa, “o singular materializa o universal” (2005, p.130).

Trata-se de uma constatação que pode ser encontrada tanto através de dados apresentados na tese de Maria do Socorro F. V. Figueiredo (2011), como ao pesquisar sobre Itacuruba em fontes eletrônicas. Na tese, a autora destaca que foi possível apreender, enquanto esteve na cidade para construção da sua pesquisa, que a “velha Itacuruba” foi sempre retratada pela população local como um “paraíso perdido”, onde os problemas pareciam não existir, e mesmo quando surgiam, eram lembrados com saudade, com enfoque no lado positivo, de modo que as dificuldades vinham para fortalecer o laço social. Nos demais documentos utilizados como bibliografia para conhecer a cidade, essa referência só se confirma e o “ontem” se mostra como uma raiz, onde se constitui as identificações e o sentimento de pertencimento, inerentes ao existir dessa população.

Era uma cidade pequena, com uma média populacional menor que cinco mil habitantes, em 1980 possuía 4.410 habitantes. Mas, segundo relatos da tese citada acima, bem como de falas contidas no documentário “*De Profundis*” de Isabela Cribari (2014), existia naquele lugar um funcionamento que atendia a realidade do local, as terras eram ricas, férteis e havia opções de lazer para os finais de semana.

Porém, ao mesmo tempo em que a localização de Itacuruba era boa para sua população, houve o interesse por parte da Companhia Hidrelétrica do São Francisco – CHESF por aquele território, para construir uma barragem cuja finalidade prioritária era a geração de energia. Uma obra de tal magnitude incluiu implicações econômicas, sociais, ambientais e políticas, havendo toda uma articulação para efetivação do projeto. Foi feita uma negociação envolvendo os interesses da população local e da empresa

hidrelétrica. E houve uma luta por parte da população chamada “Terra por Terra”, ou seja, alguns não queriam a indenização apenas em dinheiro, a busca era por permanecerem fiéis à identidade de agricultor (Lima, 2007).

No ano de 1988, acontece a construção da barragem de Itaparica. Segundo Maria do Socorro F. V. Figueiredo (2011), com a barragem, Itacuruba teve 27,21% de seu território inundado, compreendendo nessa porcentagem sua sede e terras agricultáveis. Sua população foi desalojada de seu lugar de origem, impedida de permanecer no espaço onde estavam firmadas suas referências, com as quais era possível se reconhecer e desenvolver o sentimento de pertencimento. Segundo falas da população de Itacuruba no documentário “*De Profundis*” (Cribari, 2014), só se acreditou que a população teria que sair de suas casas, quando representantes da Chesf chegaram à cidade anunciando que tinham que sair; a população então segue em procissão para a nova cidade construída, deixando para trás suas casas, suas raízes, suas origens.

Seguindo com mais algumas falas de pessoas que vivenciaram essa realidade de desapropriação, no texto “A represa que engoliu uma geração” (Under, 2007, segundo parágrafo): “antes, a uma hora dessas não tinha ninguém em casa. Agora fica todo mundo sem ter o que fazer”.

Antes que a CHESF (Companhia Hidrelétrica do São Francisco) represasse o rio São Francisco, transformando-o na barragem de Itaparica, e inundasse toda a velha Itacuruba em 1988. Antes que a mesma CHESF, construísse outra Itacuruba, planejada e afastada da represa. Antes que a nova Itacuruba se transformasse em uma cidade de funcionários públicos, ao contrário da primeira, que tinha vida própria. (Under, 2007, segundo parágrafo – pesquisado em 10 de agosto: <https://novochico.wordpress.com/2007/09/25>).

No texto acima mencionado, ainda se diz que, não só a cidade foi inundada, mas, com ela, foram submersas as terras mais férteis. Os agricultores ribeirinhos foram deslocados para a nova cidade e passaram a receber uma espécie de salário da CHESF,

esse salário era chamado de VMT – “Verba de Manutenção Temporária”, pago até que cada família recebesse um novo lote de terra. O ano de referência desse texto é 2007, e nele consta que até então essa realidade nunca se concretizou. Sendo assim, 300 famílias perderam sua propriedade para Itaparica. Há uma fala de um morador de Itacuruba no texto que diz: “No tempo em que era possível viver da agricultura, não havia desemprego”.

Podemos entender como ocorreu a negociação que tratava da saída da população de suas terras entre os representantes locais e representantes das CHESF na seguinte descrição:

O processo de reassentamento da população foi resultado de um acordo em 1986, entre a CHESF e os reassentados, intermediados pelo Sindicato e pelo Pólo Sindical. Esse acordo só foi possível com a mobilização dos atingidos. Podemos dividir esse fato em três momentos: no primeiro momento seria feita indenização das terras e benfeitorias aos agricultores, como também das casas para as famílias que residiam na cidade. No segundo momento, haveria a construção das casas e das agrovilas e dos pontos comerciais na nova cidade e as obras de infra-estrutura, para em seguida ser efetivada a transferência das mesmas. O período de transferência estipulado pela CHESF se daria entre agosto de 1987 a junho de 1988. O terceiro e último momento do processo de reassentamento seria após a transferência, quando caberia à CODEVASF⁹, no início dos anos 90, encaminhar os projetos de irrigação, para que assim os agricultores começassem a produzir. (Lima, 2007, p. 3).

A partir do momento que os agricultores começassem a produzir, a proposta da CHESF era que os reassentados iniciassem a administração autogestionária de seus lotes, de maneira que finalizaria a assistência através da VMT, rompendo assim a dependência dos reassentados em relação à empresa. (Lima, 2007).

A proposta de transferência das famílias foi feita entre agosto de 1987 e junho de 1988. As maiores reivindicações dos atingidos eram, fundamentalmente, com relação a três pontos: o não pagamento para alguns atingidos, e a defasagem do valor pago da

⁹ CODEVASF: Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba.

VMT; a precariedade produtiva dos lotes agrícolas; e a desassistência da CHESF diante dos reassentados e em relação à paralisação dos projetos, ainda por finalizar. No ano de 1999, com a ameaça de privatização da CHESF, a empresa decidiu por suspender a VMT e pagar uma indenização às 300 famílias de Itacuruba que durante 12 anos viveram na ociosidade e na espera por receber o que lhes havia sido prometido.

Nesse sentido, na continuidade da história de Itacuruba, há a marca da perda, acarretando dificuldades em relação à estrutura física da cidade, como também implicações subjetivas. Mas a população seguiu. Podemos afirmar isso, na medida em que, apesar dos dados acerca dos suicídios e adoecimento no campo da saúde mental, de um modo geral, há em Itacuruba um funcionamento que possibilita à cidade continuar a existir. Ou seja, apesar da falta que se instala no novo lugar, há uma sequência. Por isso justifica-se, aqui, utilizar a expressão “Itacuruba de Ontem”.

2.2 Conhecendo “Itacuruba de Hoje”

Itacuruba continua sendo uma cidade da microrregião do sertão do São Francisco, cujo nome se mantém, apesar da transposição. Esse é um dos poucos dados que, apesar das perdas, podemos falar no presente, e é de fundamental importância essa permanência, já que podemos considerar o nome como parte integrante do todo que é a nossa identidade.

Um nome nos identifica e nós com ele nos identificamos. [...] O nome é mais que um rótulo ou etiqueta: serve como uma espécie de sinete ou chancela, que confirma e autentica nossa identidade. É o símbolo de nós mesmos. [...] o nome não é a identidade; é uma representação dela. (Ciampa, 2005, pp. 136-137).

Estendendo isso para a realidade de uma cidade é possível pensar que o nome também vincula, e fornece um lugar de reconhecimento e pertencimento indispensáveis

para o processo de estruturação identitária. Que no seu momento mais primordial estará vinculado ao mundo externo.

Interiorizamos aquilo que os outros nos atribuem de tal forma que se torna algo nosso. A tendência é nós nos predicarmos coisas que os outros atribuem. Até certa fase essa relação é transparente e muito efetiva; depois de algum tempo, torna-se menos direta e visível; torna-se mais seletiva, mais velada. (Ciampa, 2005, p. 136).

Após a construção da barragem e com o deslocamento, houve um tempo de muitas adaptações e elaborações a se fazer. Havia um luto. Fenômeno que leva a psique a ir de encontro com o processo de estruturação identitária. No texto “A transitoriedade” [1916], Freud fala de possuímos certa medida de capacidade amorosa, denominada libido, que no princípio do desenvolvimento psíquico se dirigia para o próprio Eu, e com o avançar dessa estruturação, ainda bastante cedo, ela se dirige para os objetos, os quais são incorporados ao nosso Eu. Se esses objetos, que nos são constitutivos, são destruídos, a libido será novamente liberada, se voltando para outros objetos em substituição, ou retornará temporariamente para o Eu. Freud diz ainda, que mesmo dispondo de substitutos, a libido não renuncia àqueles perdidos. (Freud, [1916], 2010).

Em Itacuruba, a população demonstra ter sustentado esse estado de luto por muito tempo. (Figueiredo, 2011). A mudança da cidade ocorreu em 1988 e, no ano de 2006, segundo dados do CREMEP, Itacuruba é apontada como uma cidade que possui um número alto de utilização de antidepressivos, e ainda o município no país com o maior índice de suicídios, com base no ano de 2004, no Brasil, a taxa de suicídio era de 4,48; em Pernambuco, 3,56 e em Itacuruba, 26,6 (Teixeira, 2007), estando essa estatística bem acima da média mundial¹⁰. Segundo Freud, no texto “A transitoriedade” [1916/2010], o luto é um fenômeno que, apesar de doloroso, tende a acabar naturalmente. Quando esse efeito natural não acontece, aparece a psicopatologia.

¹⁰ Diário de Pernambuco – viver – 15/10/2016. Dados da Caravana CREMEPE.

Atualmente, o número de suicídios diminuiu, segundo informações da própria população de Itacuruba, recolhidas no período em que estivemos na cidade, em abril de 2015. Mas a quantidade de medicamentos para tratar transtornos de origem emocional e dependência química, de drogas lícitas e ilícitas, é muito alta. A quantidade de consultas, no âmbito da saúde mental, no mês, também é surpreendente: a média seria dois atendimentos médicos por ano, no entanto em Itacuruba, as pessoas procuram por atendimento médico, em média, quatro vezes ao mês. Quanto ao número de psicotrópicos na cidade, 10% da população depende desse tipo de medicação, mensalmente (Torres, 2011 – pesquisado em 10 de julho de 2016: <http://cremepe.org.br>).

Diante desses dados, pensamos que é inevitável não fazer a correlação entre a história da cidade e a realidade na qual a população se apresenta. Apesar das informações serem de 2011, na ida a campo ainda pudemos constatar uma realidade já destacada pelo Conselho Regional de Medicina de Pernambuco: a falta de atividades na cidade, para todas as idades; e a ausência de perspectivas profissionais e pessoais.

Ficamos então com dois pontos que se destacam: o adoecimento ligado à perda de raízes, das suas origens; e vinculado à questão da ociosidade na cidade. Sem desconsiderar que estes podem ser pontos que se entrelaçam.

A “Itacuruba de Hoje”, no que se refere à quantidade de habitantes, continua sendo uma cidade com uma a média populacional de quatro mil habitantes. Caracteriza-se por um lugar pequeno que condiz com a estrutura e a vida na região, chamada de interior. Sem grandes construções, sem grandes avenidas, sem muito desenvolvimento também, principalmente nos aspectos social e econômico.

A prática da agricultura não encontrou mais terras tão produtivas quanto antes. A produção de cebola passa a ser substituída pela pesca de tilápia. As oportunidades em

piscicultura do Vale do São Francisco começaram com o programa de aquicultura e recursos pesqueiros da CODEVASF (2008). O submédio São Francisco fica na parte central do Semiárido brasileiro, e é constituído por 95 municípios (26 baianos e 69 pernambucanos). A tilapicultura chegou ao sertão de Itaparica como uma possibilidade de auxiliar no desenvolvimento econômico, criando oportunidades para a produção familiar, uma vez que a espécie apresenta uma rusticidade intrínseca, adaptabilidade à região, é de fácil cultivo e possui alta demanda de mercado. Existe um projeto de incubação de associações de pequenos piscicultores, e dentre as nove associações, uma se localiza em Itacuruba – PE. Além da associação, houve interesse na região de empresas especializadas, entre elas uma multinacional espanhola, que exporta 85% da produção de filés do pescado, acima de um quilo, para países como Estados Unidos e também países da Europa. Graças a isso, hoje, Itacuruba vem ocupando o primeiro lugar entre os produtores de tilápia do sertão pernambucano (Barroso & Andrés, 2014).

O comércio na nova cidade não é muito desenvolvido. A mudança na realidade da prática da agricultura contribuiu para isso, bem como, sua localização geográfica. Itacuruba não é um lugar de rota para outras localidades. A cidade fica em uma posição de isolamento social e econômico. Sendo assim, muitas pessoas vivem hoje a depender de cargos públicos (Figueiredo, 2011).

O tempo passou e as atividades que antes preenchiam o dia a dia das pessoas, hoje não existem mais, com isso surgem novas demandas. Demandas estas que estão ligadas ao campo da digitalidade. Realidade que se amplia cada vez mais na vida das pessoas e na vida nas cidades. Em Itacuruba praticamente todas as casas possuem redes que disponibilizam sinal de televisão e internet. O poder público também investiu em uma rede de sinal de *wifi*, restrita à localização da praça pública da cidade, disponibilizada gratuitamente para a população. Porém a eficácia desse serviço via

poder público é bem precária. Através da internet, a “Itacuruba de Hoje” alcança uma via para sair do isolamento e ter acesso de modo mais rápido a informações e aos novos dispositivos comunicacionais que promovem a quebra de fronteiras, abrem possibilidades no campo acadêmico, profissional, social e lazer, através de serviços de educação à distância, redes sociais, jogos digitais, dentre muitos outros universos que o meio digital vem proporcionar.

Sendo assim, é possível pensar em um novo tempo que se abre com a tecnologia para a “Nova Itacuruba”? Freud no texto *A transitoriedade* [1916/2010], afirma que:

Superado o luto, perceberemos que a nossa elevada estima dos bens culturais não sofreu com a descoberta da sua precariedade. Reconstruiremos tudo o que a guerra destruiu, e talvez em terreno mais firme e de modo mais duradouro do que antes. (Freud, [1916] 2010, p. 252).

O contexto em Itacuruba não é de guerra, mas, de destruição. Uma destruição que está no passado da cidade, mas, que pela sua importância enquanto história continuou se fazendo presente no referencial da sua população. E, na medida em que o tempo passa, surgem novas gerações, que caracterizam a população de hoje, desse modo tem origem também uma fronteira que delimita o existir dos habitantes de ontem e de hoje.

2.3 Perfil da população de Itacuruba de ontem e de hoje

Tratamos aqui do perfil da população de Itacuruba, considerando que é natural haver mudanças neste referencial com o passar do tempo, porém, é interessante também perceber o que se preserva, o que há de identitário, nessa população, que persiste de modo transgeracional.

Segundo dados do último censo demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, no ano de 2010, a população de Itacuruba era composta por 4.369 habitantes. A população estimada para 2016 era de 4.807 habitantes. E acompanhando todo o histórico da cidade, essa sempre foi sua média populacional. Seguindo ainda com os dados do IBGE, 3.708 pessoas é a média populacional que reside na zona urbana, enquanto que 661 moram na zona rural. A quantidade de homens e mulheres residentes no município possui uma distribuição equivalente, sendo um número um pouco maior de mulheres. E grande parcela da população segue a religião católica (Ibge, 2010 – pesquisado em 03 de agosto de 2016: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=260740&idtema=91>).

Fazendo a caracterização do período em que Itacuruba foi fundada, um dado muito significativo se destaca e pode ser considerado uma marca desse povo: a busca para a instalação da cidade era por um lugar que trouxesse desenvolvimento, prosperidade. E é isso que podemos perceber no discurso da população até os dias atuais, a busca por desenvolvimento social e econômico da cidade. Para a população de Itacuruba, a construção do complexo hidrelétrico, que impôs a mudança do local da sede da cidade, prometia ganhos, porém o que restou, de fato, foram perdas.

O que atendia as necessidades da população da “Itacuruba de Ontem” era viver da agricultura, a rotina se estruturava toda em função desta prática. E era dela que se extraía o lazer também, tendo em vista que, em tempos passados, a busca por lazer atendia outras denominações. O que era suficiente antes, como o simples fato do contato com a natureza, passa a não ser mais tão almejado hoje. Além disso, em Itacuruba a natureza não é mais a mesma, as casas não são mais as mesmas, os lugares de encontros não são mais os mesmos (Figueiredo, 2011).

Sendo assim, é compreensível que o primeiro tempo após a mudança da sede da cidade, se configure um tempo muito difícil para a sua população. Um tempo de luto, de adaptação e de ressignificação prolongado diante de cada nova geração. Veio o tempo da depressão, dos suicídios e da extrema medicalização. No discurso da população a queixa principal é a ociosidade (Maniçoba, 2011 – pesquisado em 10 de julho de 2016: <http://cremepe.org.br>).

O Conselho Regional de Medicina de Pernambuco não atualizou mais os dados estatísticos acerca do índice de suicídios na cidade, a última informação oficial é referente ao ano de 2006. No ano de 2011, há uma referência através do artigo “Itacuruba Sadia” no site do CREMEPE no qual Suely Maniçoba fala da necessidade de cuidar da “ociosidade dos sadios”. Nesse mesmo ano, o CREMEPE também alerta para o problema da dependência química acometendo a população de Itacuruba e entre alguns problemas identificados para esses índices de dependência preocupantes estão a falta de atividades na cidade, para todas as idades, a ausência de perspectivas profissionais e pessoais (Torres, 2011 – pesquisado em 10 de julho de 2016: <http://cremepe.org.br>).

Atualmente, a população jovem representa uma geração que não viveu o período de mudança da cidade, mas que convive com a marca dessa história. Esse é o público que a presente pesquisa contempla, os habitantes da “Nova Itacuruba”, que com o passar do tempo puderam contar com a emergência de um novo recurso para promover desenvolvimento em diversos campos do viver em Itacuruba, as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação. De modo que, segundo Ana Maria Nicolaci-da-Costa, através das novas tecnologias, é possível alcançar tanto a dimensão social de desenvolvimento como também a dimensão subjetiva (Nicolaci-da-Costa, 2002).

Na realidade dessa nova geração, percebemos que, apesar do histórico de perdas e impossibilidades que o novo lugar de moradia possuía enquanto representação, a população de hoje em Itacuruba segue escrevendo sua história. Uma história, como detectamos, que passou a ser contada no espaço das redes sociais. E, assim, podemos pensar que a tecnologia surgiu como novo referencial cultural para esta população.

3. O SUJEITO EM TEMPOS DE DIGITALIDADE

*Parecia ter descoberto que tudo era passível de aperfeiçoamento, a cada coisa se emprestaria uma aparência harmoniosa; a vida podia ser feita pela mão do homem. Clarice Lispector*¹¹

O tempo da digitalidade é marcado pela disseminação das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC), tempo do aperfeiçoamento, da atualização, no qual a técnica, a princípio, se sobressai, proporcionando essa impressão de que “(...) a vida podia ser feita pela mão do homem” (Clarice Lispector, 2014, p. 32). Porém, cada vez mais, fica limitado reduzir a tecnologia a uma ferramenta exclusivamente operacional.

É o contexto das NTIC que configura a chamada “revolução digital”. Esta se caracteriza pela intensificação do uso de suportes digitais de comunicação e passa a atingir não só as vivências de modo geral, mas, de modo mais específico, a cognição, as percepções, os pensamentos e o campo psicoafetivo (Donard, 2016).

Nesse sentido, no que diz respeito ao cenário social contemporâneo, Joel Birman (2012) afirma que vivemos em um momento de acelerada transformação dos valores que norteiam a vida cotidiana. E, que as mudanças que se revelam no campo do social encontram ressonâncias em elementos psíquicos fundamentais, que tecem a estruturação do sujeito.

Cada novo tempo se apresenta através de uma nova cultura, que irá fomentar novos modos de pensar e de se posicionar diante da vida. Ao tratar do ser humano, é imperativo considerar o contexto histórico cultural predominante, que, atualmente, é permeado pelo universo das tecnologias digitais. Um universo que determina o tempo todo um novo ritmo de funcionamento psicossocial.

Dentre os recursos que abrangem essa realidade das novas tecnologias, estão o uso da internet, as tecnologias de mobilidade, através de aparelhos inteligentes, que

¹¹ Lispector, C. O Tempo. (2014, p. 32).

caracterizam a chamada sociedade em rede, interconectada. É uma cultura na qual, novidades demarcam o campo das relações, como: hiperconexão, aceleração, imersão e simulação.

A partir de um novo referencial no campo das relações humanas, nos deparamos com um tempo de transição, que exige adaptação na utilização de seus recursos, e os efeitos para o campo da subjetividade e do psiquismo ainda estão a evoluir enquanto produção científica. Implica em uma realidade que produz ganhos e perdas, experiências de prazer e desprazer e, que, portanto, exige habilidade, não só para operar máquinas, mas para operar a si mesmo. Luís Cláudio Figueiredo, no livro “As Diversas Faces do Cuidar”, em 2009 já dizia: “. . . há também novas vias de subjetivação . . . baseadas, por exemplo, em novas condições tecnológicas: refirimo-nos às novas tecnologias de informação e comunicação, da simulação, cujos efeitos subjetivantes mal começam a ser estudados” (Figueiredo, 2009, p. 19).

Partimos do princípio de que ainda existem muitas especulações acerca desse novo cenário social, que se constitui através da realidade digital. Especulações tanto positivas como negativas, que para o presente estudo serviram de motivação para adentrarmos nesse campo através da pesquisa, enquanto lugar de discussão e construção do saber.

O fato é que, apesar da pluralidade desse universo, não podemos descartar a presença de elementos que demarcam uma singularidade; apesar da disseminação do coletivo, não se descaracteriza o individual; apesar do domínio da técnica, não podemos esquecer que existe um sujeito como protagonista nessa relação.

3.1. O que chamamos de Era Digital?

Segundo Véronique Donard (2016), “digital” é o termo mais comumente utilizado para se referir à realidade originada pelas NTIC. *Era Digital* é o período marcado pelos avanços tecnológicos, pela emergência de um meio de comunicação instrumentalizado pela informática e pela internet. “A cada minuto que passa, novas pessoas passam a acessar a internet, novos computadores são interconectados, novas informações são injetadas na rede” (Lévy, 2010, p. 113).

É a partir da propagação da prática da interconexão e do crescimento da internet que emerge uma nova forma universal de cultura, a cibercultura, que tem como essência esse aspecto da universalidade, ou seja, campo no qual um conjunto de práticas, atitudes, valores e modos de pensamento se desenvolvem ao mesmo tempo em que cresce o espaço digital (Lévy, 2010).

Pensar na ampliação das NTIC está diretamente ligado a pensar na expansão da internet, movimento do qual se deriva todo esse contexto de transformação que envolve a sociedade atual. A popularização da internet data da década de 1990, mas é nos anos 2000, que se registra a ascensão crescente do uso de *smartphones*, tablets, redes sociais. E hoje, em 2017, é uma realidade concreta, que não só facilita, instrumentalmente, a vida do ser humano, mas oferece elementos simbólicos com os quais é possível construir relações subjetivas.

Segundo Christian Dunker (2015), a nossa experiência subjetiva está atravessada de modo constante por uma alteração entre o espaço público e o privado. É comum no contexto da *Era Digital* existir um transitar por entre ambientes públicos e privados, principalmente, diante dos aspectos que se destacam nesse tempo: novos modos

comunicação, interatividade, o acesso à informação (hiperconexão), que se dão através de realidades como imersão e simulação.

A comunicação é a palavra chave na base das trocas que se estabelecem no meio digital. No momento atual, existe uma ampliação do universo de interações que estabelecemos ao nos comunicarmos.

Historicamente, a digitalização adentrou, de início, na produção e gravação de músicas, porém já existia uma tendência dos microprocessadores e memórias digitais, se tornarem a infraestrutura dominante do campo da comunicação (Lévy, 2010).

Segundo Joel Birman (2012), as atuais demandas referentes ao contexto das novas tecnologias só se ampliam e refletem no que o autor chamou de uma aceleração da experiência, diante da velocidade com que as informações se processam nesse campo. Uma dinâmica, dotada de um novo ritmo, que atinge as relações sociais e individuais. Um ritmo que impõe falta de sincronicidade entre as NTIC e a temporalidade, principalmente, porque, biologicamente, o ser humano não acompanha a rapidez com que se processam os fenômenos que compreendem a realidade digital. (Donard, 2015). E ainda, segundo Birman (2012), é um cenário no qual a exigência da ação se torna muito mais urgente, pois há uma alteração no que se refere à relação espaço-tempo.

A interatividade e o acesso à informação também constituem marcas dessa cultura, através da hiperconexão. Elementos que permitem caracterizar a tão mencionada quebra de fronteiras, como uma realidade essencial dos processos de comunicação e sociabilidade. O princípio fundamental da interatividade é a reciprocidade, o que vem legitimar um processo de comunicação efetiva, diferente das mídias mais antigas como a televisão, por exemplo, e, ao mesmo, tempo vai além da troca estabelecida na comunicação telefônica, sem a presença da internet (Lévy, 2010).

Através desses novos modos de comunicação e da hiperconexão se institui a realidade da telepresença, chamada também de presença generalizada, através da qual as relações se constroem a partir de um contínuo sem barreiras (Lévy, 2010). Ou seja, implica em estar disponível o tempo todo. De acordo com o pensamento da pesquisadora Sherry Turkle: “Uma maneira de descrever o que aconteceu é dizer que estamos a deslocar-nos duma cultura modernista do cálculo para uma cultura pós-modernista da simulação” (1997, p. 28).

A simulação é um recurso que foi evoluindo também com o passar do tempo, houve um avanço da simulação numérica para a noção de simulação gráfica interativa. Por meio desta, o fenômeno simulado é visualizado, de modo a permitir a atuação em tempo real sobre as variáveis do modelo e notar prontamente na tela as transformações resultantes (Lévy, 2010).

Ainda segundo, Lévy (2010), é um mecanismo que alcança fenômenos bem complexos, abstratos, para os quais não há uma imagem natural. A partir da simulação temos as chamadas “novas imagens” da cibercultura, imagens sem fronteiras, sem molduras, sem limites. É um universo no qual o sujeito se encontra imerso, fechado sobre si mesmo. Universo que o envolve na medida em que é passível de criação.

No campo da simulação digital, há facilidade na manipulação dos estímulos que são controlados pelo sistema informático (previamente programado pelo humano). Mesmo que de modo artificial, a modalidade, a intensidade, a duração ou a localização de um impulso sensorial são variáveis aplicadas no universo interativo conforme a necessidade de cada situação (Borba, 2014).

Dentro desse referencial da simulação, está presente o mecanismo da imersão, que se constitui de modo indispensável para a compreensão do que se processa a partir do uso dos jogos digitais. Bem como, é um termo que já existia na psicologia para

caracterizar a capacidade do sujeito em se desligar da realidade ambiente para focar numa realidade induzida por um suporte narrativo. Mas, diante do campo digital, ele teve que ser redefinido, passando a significar um processo psicológico complexo, que inclui tanto um aspecto cognitivo quanto um aspecto psicodinâmico e psicoafetivo (Donard, 2015).

A imersão compõe um processo psicológico no qual ocorre uma adesão à realidade digital, por meio desta o sujeito não faz diferenciação no que se estabelece enquanto presença-ausência, dentro-fora do universo criado, simulado. Desse modo, vai se delimitando uma forma de transitar cada vez mais fluida, que implica na consolidação de uma realidade que se constitui sob o referencial da *Era Digital*.

3.2. *Conhecendo o ciberespaço*

Historicamente, o termo ciberespaço tem origem na ficção científica, através da autoria de William Gibson. Enquanto conceito surge diante do contexto que delimita a evolução da cibernética, que remete ao domínio científico e técnico. Etimologicamente, o prefixo ‘ciber’ deriva do grego *kubernaô*, que significa governar. E, atualmente, se refere a universos virtuais, que em um momento inicial, eram concebidos pelo homem, mas que ultimamente são gerados por máquinas, evoluindo com ou sem interação com os humanos (Zartarian & Noel, 2002). Segundo Véronique Donard (2016, p. 47): “. . . o prefixo ‘ciber’ é frequentemente utilizado para caracterizar a vinculação de um termo com a questão das tecnologias digitais e da dimensão espaço temporal que lhe é caracterizada”.

O ciberespaço já foi definido no início do presente trabalho de dissertação, mas o retomamos aqui para conhecê-lo de modo mais ampliado. Sabemos que é um “espaço

de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores” (Lévy, 2010, p. 94). Mas podemos afirmar também, que diante das teorizações da ciberpsicologia, poderá ser considerado um espaço psicológico que possibilita a extensão do mundo psíquico do indivíduo (Donard, 2015).

É um território que contempla a infraestrutura técnica do digital, mas ao mesmo tempo, também os atores do movimento social, que tinham na sua busca a construção de um espaço de encontro, de compartilhamento e de invenção coletiva (Lévy, 2010). Lugar que se caracteriza a partir de uma relação de envolvimento e, porque não dizer, “enamoramento”, no que se refere a um campo de investimentos.

Nesse sentido, é uma realidade que se concretiza e alcança esse referencial inicial de edificação. No ciberespaço as pessoas se encontram, conversam, trocam ideias, compartilham experiências, existe a oportunidade de construir comunidades virtuais, das quais pessoas de todos os lugares do mundo podem participar etc. (Turkle, 1997). Porém é um lugar que será utilizado de modo diferenciado diante das gerações que nele transitam.

Sendo assim, na medida em que ocorre o crescimento dessa realidade digital na vida das pessoas, surgem também novos campos semânticos de conceituação. Nomenclaturas que apontam para uma ideia de que quem nasce neste tempo da expansão das Novas Tecnologias é designado de “nativos digitais”, termo utilizado por Marc Prensky para caracterizar aqueles que conseguem fazer uso dos recursos digitais de modo totalmente integrado, ou seja, consegue transitar entre o espaço online e o espaço desconectado de modo harmonioso (Donard, 2015).

Seguindo nessa evolução, o psicólogo francês Yann Leroux, inspirado no que definia Prensky, funda o termo “digiborígeno”, que segue a mesma linha de

caracterização descrita logo acima, isto é, se refere a aqueles que integraram totalmente em seu cotidiano as tecnologias digitais (Donard, 2015).

Avançando mais ainda neste universo que vem se configurando a partir da ciberpsicologia, Véronique Donard institui o termo “psique digitalizada” que caracteriza: “a permeabilidade dos processos cognitivos e psicodinâmicos do sujeito durante seu momento de desimersão, ou emersão, do universo digital, determinado pela persistência dos pensamentos e atos vividos instantes antes na prática digital” (Donard, 2015, p. 2).

Todos esses conceitos dizem de um universo muito amplo de significações que integram aspectos cognitivos e psicodinâmicos inerentes ao contexto do mundo digital. (Donard, 2016).

E a ciberpsicologia se destaca, por ser um campo que não trabalha apenas com uma vertente de pensamento teórico. E isso se justifica diante do universo de possibilidades que abrange a realidade digital. Seu papel implica cuidar, especificamente, das questões que envolvem o psiquismo e a subjetividade na relação sujeito-tecnologia.

3.3. A relação do sujeito contemporâneo com o tempo e o espaço

Ao falar em tempo e espaço estamos tratando de conceitos inerentes ao universo, no sentido literal e abrangente que esta palavra ‘universo’ alcança. Uma dimensão que envolve o existir, uma movimentação que se coloca para o sujeito diante das experiências pessoais e coletivas que compõe seu universo (Verle, 1997).

Construímos essa noção de tempo e espaço junto com as pessoas que estão a nossa volta e habitam o mesmo universo. E assim, cada sociedade, cada tempo nos

apresenta modelos que irão determinar formatos de relações, experiências pessoais e grupais que vão se formando com o evoluir do tempo. Segundo Pierre Lévy (2010), não se pode separar o homem do seu ambiente material, bem como dos signos e das imagens através dos quais ele atribui sentido à vida e ao mundo.

Nesse contexto, a tecnologia se apresenta como um fenômeno social em ascensão, e está presente de modo cada vez mais frequente na vida das pessoas. É uma realidade que se impõe, mas que, ao mesmo tempo, promove uma abertura, uma nova configuração, a partir da liberdade e criatividade no modo de estar na rede e se relacionar. Diante de um novo referencial cultural, temos um novo parâmetro para delimitar a relação do sujeito contemporâneo com o tempo e com o espaço.

A partir do contexto, proporcionado pelas Novas Tecnologias de Informação e Comunicação, se produz uma realidade espaço-temporal que está em constante alteração, sendo assim, é necessário ao ser humano, que vive nesse tempo, uma contínua adaptação (Donard, 2015).

A dimensão espaço-tempo, inerente ao universo do digital, possui uma marca que lhe é própria. O espaço se amplia através da quebra de fronteiras e o tempo atinge uma velocidade, que exige um esforço significativo para ser acompanhado. Nesse aspecto, ambos, espaço e tempo, promovem uma realidade muito singular, característica da rede de comunicações das NTIC (Donard, 2016).

São novas relações nas quais há um estreitamento do convívio com semelhantes e diferentes e, com isso, altera-se os sistemas de referências, bem como os investimentos no campo psicoafetivo.

O tempo inerente ao universo digital institui um ritmo que, de modo tão rápido, não cessa de passar. Nesse sentido, enquanto pensamento psicanalítico, destacamos o que Freud fala no texto “A Transitoriedade” ([1916] 2010), não é porque a

transitoriedade traz uma limitação ao que podemos usufruir da vida, que esta perde seu valor, sua preciosidade. Hoje, não só convivemos com a transitoriedade, mas também com a aceleração.

A tecnologia está presente de maneira cada vez mais expressiva no cotidiano das pessoas, e há de fato uma aceleração de tudo o que diz respeito ao dia a dia do sujeito contemporâneo. A partir da *Era Digital* as pessoas passaram a se adaptar com outro modo de funcionamento que demanda o tempo todo, novas roupagens.

Freud, em “O Mal-Estar na Civilização” ([1930] 2010), fala da importância do social para o nosso sentimento de bem-estar e proteção, necessários à constituição do psiquismo. Mas também, fala do poder destrutivo que a civilização pode promover no sujeito. Ressaltando o domínio da natureza¹² sobre a humanidade:

Nas últimas gerações a humanidade fez progressos extraordinários nas ciências naturais e em sua aplicação técnica, consolidando o domínio sobre a natureza de um modo antes inimaginável. (...) Os homens estão orgulhosos dessas realizações, e têm direito a isso. Mas eles parecem haver notado que esta recém-adquirida disposição de espaço e de tempo, esta submissão das forças naturais, concretização de um anseio milenar, não elevou o grau de satisfação prazerosa que esperam da vida, não os fez se sentirem mais felizes. (Freud [1930], 2010, pp. 45-46).

É interessante ressaltar como esta citação parece tratar do tempo atual. Um tempo no qual o ser humano ganha mais poder, através da eficiência proveniente dos recursos tecnológicos. Mas, só o progresso nesse campo da técnica, parece não ser suficiente para fazer o sujeito feliz, conforme destacou Freud. É preciso evoluir para além de uma simples ferramenta, pois esses novos referenciais permitem alcançar o campo da subjetividade e do psiquismo, como já foi teorizado aqui neste trabalho de dissertação.

¹² Entendemos o termo natureza como tudo que não diz respeito ao campo da civilização (Freud [1930] 2010, p. 44, 45).

3.4. *Identidade, Cultura e Contemporaneidade*

Falar em identidade, cultura e contemporaneidade é falar de um tempo de transformações, como já foi explorado nas teorizações do presente capítulo. Com a chegada da *Era Digital*, o tema identidade ganhou um novo parâmetro para ser pensado e estudado a partir de um referencial teórico muito amplo enquanto contextualização.

Segundo Pierre Lévy, “as implicações culturais e sociais do digital se aprofundam e se diferenciam a cada nova interface, a cada aumento de potência ou capacidade, a cada nova ramificação para outros conjuntos de técnicas” (Lévy, 2010, p. 114).

Estamos tratando de um referencial marcado pela característica da atualização. A cada momento tem uma novidade surgindo tanto no aspecto técnico, operacional, como através de representações simbólicas. E, segundo Ceccarelli (1997), as representações simbólicas possuem uma importância na construção do sentimento de identidade.

Segundo Bauman (2005), a cultura atual é marcada por diversos aspectos que afetam a vida cotidiana: novas condições de trabalho, de relações entre os Estados, de subjetividade coletiva, de produção cultural e de relações entre o eu e o outro. E, considerando essa realidade de mutações, o autor reflete que a identidade não tem uma solidez que a deixa intacta para toda a vida.

Através da ampliação do acesso à informação e dos processos comunicacionais, a vida passou a ficar menos restrita a estruturas fixas que constituíam um referencial para a vida do sujeito. Um exemplo disso pode ser ressaltado diante da escolha profissional: cada vez mais as pessoas estão se permitindo fazer novas escolhas, agregar novos campos do saber à sua primeira referência de campo profissional.

Nesse sentido, Bauman afirma: “Com o mundo se movendo em alta velocidade e em constante aceleração, você não pode mais confiar na pretensa utilidade dessas estruturas de referência com base na sua suposta durabilidade (para não dizer atemporalidade!)” (Bauman, 2005, p. 33).

É aqui que podemos pensar na ideia de pluralidade que vem sendo dirigida ao fenômeno identitário na atualidade. “As identidades ganharam livre curso, e agora cabe ao indivíduo, homem ou mulher, capturá-las em pleno vôo, usando os seus próprios recursos e ferramentas” (Bauman, 2005, p. 35).

Na cultura atual, vivemos a era da diversidade, na qual se torna disponível para o sujeito uma pluralidade de pertencimentos. Realidade à qual, mais uma vez, o sujeito terá que se adaptar, tendo em vista que a mobilidade se tornou uma norma, um valor simbólico que vai estar presente na relação entre o lugar e a identidade (Fernandez, 2016).

Todo esse movimento de circulação, identificação, metamorfose que envolve a vida do sujeito contemporâneo, faz nascer o espaço do saber – o saber sobre si, que se estruturará em torno de imagens dinâmicas, imagens produzidas pela exploração e transformação das realidades virtuais das quais o sujeito atualmente participa.

4. A IDENTIDADE

Seguimos no presente estudo com as elaborações teóricas que fundamentam sua sequência. A identidade é o tema central para trabalhar o que acontece a partir da relação do sujeito da nossa pesquisa com a história de sua cidade, a história de Itacuruba, que já pudemos conhecer no capítulo anterior, e que, com o transcorrer do tempo, passa a contar com o elemento tecnologia demarcando as relações dessa população específica.

Nosso interesse enquanto pesquisa converge com a proposta teórica atual para o estudo da temática da identidade que a considera como um conceito dinâmico. Tendo em vista que contempla a relação do sujeito com o outro, uma concepção dialética que inclui o ser humano e a sociedade (Rosa, 1998).

Segundo Jurandir Freire Costa (2004), toda sociedade oferece modelos ideais na construção das identidades, dentre eles, formas de conduta, aspirações e mesmo indicações de um sentido de vida. Esses ideais variam com o passar do tempo e dos discursos, capazes de garantir legitimidade e funcionamento. Assim, enquanto membro da sociedade, o sujeito, ao mesmo tempo, exterioriza seu modo de ser no mundo e o interioriza, por meio dos processos de socialização.

Segundo Luís Cláudio Figueiredo, o ingresso de uma criança que acaba de nascer no mundo propriamente humano é marcado por uma complexa trama de acontecimentos, que demarcam as condições de seu vir a ser humano. Cada cultura, cada sociedade e cada época se caracterizam por traços que são específicos, mas nunca faltam algumas dimensões que parecem ser universais (Figueiredo, 2014).

Ao tratarmos da identidade, não podemos deixar de reconhecer que é uma temática que pode ser compreendida a partir de diversas vertentes teóricas, e sua

vinculação com o contexto sociocultural o torna um conceito chave para entendermos o existir humano a partir das mutações de cada tempo.

Diante do tempo, temos que cada época situa o momento de reler a história do homem a partir das transformações originadas pelos novos acontecimentos culturais, bem como novas ideologias, crenças e garantias. Por isso, refletir acerca do homem exige que se considere o contexto histórico cultural, seu estilo, enquanto existência, seus modelos de relações (Figueiredo, Bezerra & Hornstein, 2009).

No caso de Itacuruba, o transcorrer do tempo tem uma particularidade, essa população não vive uma transformação apenas com a chegada de uma nova *Era*. Antes disso, uma realidade de ruptura na história da cidade marcou a vida dessa população, suas origens foram destruídas. Os anos subsequentes não configuraram um período fácil, diante do referencial de uma nova cidade, mas a sua história continuou sendo escrita. Atualmente, é chegado um tempo, que traz consigo uma nova cultura para Itacuruba, um modelo, que vai demarcando o viver hoje na cidade e constituindo uma referência para o campo identitário dessa população.

Sendo assim, no presente trabalho de dissertação, partimos da proposta de que a realidade produzida pela disseminação das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC) promove uma mudança, que não atinge apenas o aspecto técnico da vida cotidiana, mas o campo existencial, enquanto compreensão de nossa própria humanidade (Donard, 2016).

Nicolaci-da-Costa (2002) afirma que as novas tecnologias têm o poder de alterar nossos hábitos e nossas formas de agir, bem como nossos modos de ser, o que inclui o pensar, o sentir, como nos percebemos e organizamos o mundo externo e interno, e como nos relacionamos com os outros e com nós mesmos. Isso porque há uma mudança significativa que decorre da cultura da sociedade em rede, hiperconectada

e multifacetada. Uma realidade que vem afetando significativamente o valor simbólico das relações humanas e determinando um novo parâmetro para estudar o campo da identidade.

Segundo Fanny Georges (2009), com as mais recentes aplicações – *web 2.0*, mensagens instantâneas, sites de namoro, blogs, sites de redes sociais, se compõe um modelo cultural da identidade (Tradução nossa). Um contexto que expressa um viver, cada vez mais, dinâmico.

Com isso, na nossa pesquisa, o tema da identidade compreende a um referencial teórico que busca delimitar a relação do sujeito com o mundo externo à sua volta. O sujeito de uma história e o sujeito de uma nova realidade cultural e social. Temos assim uma relação que contempla o ontem e o hoje desse sujeito. Para tanto, trabalhamos a temática sob três pontos de vista: o da psicologia social, da psicanálise e da ciberpsicologia.

4.1. Trabalhando a identidade: uma visão psicológica

4.1.1. Na psicologia social

“Identidade é história” (Ciampa, 1987, p. 163). Começamos por destacar essa afirmação de Ciampa, pois ela remete ao referencial inicial que se constitui no nosso estudo. Diante de sua história, a população de Itacuruba tem questões de origem identitária permeando o seu viver.

Seguimos então com a necessidade de compreender a noção psicossocial desse conceito. Considerando também que, em psicologia, se trata de um tema comumente trabalhado sob a perspectiva da psicologia social, na medida em que é um termo

utilizado para expressar, de certa forma, uma individualidade construída na relação com os outros homens.

Segundo Deschamps e Moliner (2009), a psicologia social é uma abordagem que utiliza a noção de representação como forma de conhecimento sobre si e sobre os outros, que podem interferir no sentimento de identidade. Seguindo com o pensamento desses autores, a participação em grupos sociais, e seus diversos modos de interação produzem elaborações sociocognitivas que são chamadas de representações identitárias, na medida em que funcionam como referência e sustentam o sentimento de identidade. Nesse sentido, a identidade é tratada a partir de uma caracterização marcada pelo sentimento de semelhança e diferença em relação aos outros, o que confere à identidade um caráter subjetivo e dinâmico, resultante dessa dupla constatação de semelhanças e de diferenças entre si mesmo e os outros (Deschamps & Moliner, 2009).

Ciampa (1987) também trabalha com a noção de identidade enquanto articulação de igualdades e diferenças, de modo que produz e é produzida por uma história pessoal. Diante dessa afirmação podemos perceber um movimento que envolve essa realidade de definição do que é identitário ao indivíduo. Segundo Ciampa (1987, p. 146) “na verdade, a realidade é sempre movimento, é transformação”. E nessa linha de pensamento define a identidade como metamorfose, isto é, “processo permanente de formação e transformação do sujeito humano, que se dá dentro de condições materiais e históricas dadas” (Ciampa, 1998, p. 88).

Metamorfose é sinônimo de transformação. E, no campo do social, vivemos constantemente a possibilidade de mudanças, na medida em que a própria dinâmica da vida nos permite isso. Enquanto seres biológicos, também estamos sempre em processo de maturação, o que implica mutações. A realidade das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação, do mesmo modo, é marcada por profundas transformações.

Sendo assim, como pode o ser do indivíduo ficar estático frente a tantas movimentações?

A resposta para essa questão aparece, atualmente, sob o formato de elaborações teóricas, refletindo sobre a emergência de novas identidades, a partir da nova cultura que se apresenta e regulamenta a vida em seus movimentos relacionais. É nesse aspecto que consideramos importante destacar, no presente estudo, o tema da identidade sob o pensamento da psicologia social. É um referencial que tem como foco a identidade como um processo histórico e social, constituído a partir de uma articulação entre objetividade e subjetividade. Dialética que é capaz de promover produção de sentido, a partir do agir comunicativo (Ciampa, 1998).

Poderíamos aqui considerar que na medida em que o ser humano vai se formando, um universo de significações e representações também se constituem a partir de uma relação entre o campo do pessoal com o social (Ciampa, 1998).

De acordo com Rafael Augustus Sêga, “a representação é sempre a atribuição da posição que as pessoas ocupam na sociedade, toda representação social é representação de alguma coisa ou de alguém” (2000, p.129). Podemos compreender isso, considerando que diante das transformações do social está o indivíduo que participa, interage, circula por entre os ambientes com os quais há um sentimento de identidade.

No momento atual, existe uma ampliação do universo de interações que estabelecemos ao nos comunicarmos. E, de fato, “comunicação” aparece como a palavra mestre de nossa realidade contemporânea: através desta, a vida em sociedade se faz possível, nas suas diversas manifestações, constituindo o sistema de valores e de símbolos. Mas, é importante ressaltar que, para ocorrer uma produção de sentido diante do agir humano, é preciso que aconteça de fato uma autonomia no processo de

comunicação. Assim é preciso mais do que meios técnicos para que o ser humano possa ser o protagonista de sua história.

4.1.2. Na psicanálise

*Começo a conhecer-me. Não existo.
Sou o intervalo entre o que desejo ser
e o que os outros me fizeram,
ou metade desse intervalo, porque também há vida...
Sou isso, enfim... . Álvaro de Campos¹³*

O sujeito contemporâneo é o sujeito que está conectado (mais que desconectado), interagindo (ou isolado), imerso, e tantos outros elementos caberiam ser citados, considerando que é uma relação que qualifica o viver diante das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC). E nesse viver o sujeito sempre será o protagonista.

Essa é a realidade que se faz presente em Itacuruba atualmente, e a história que compreende seu passado, enquanto referencial identitário, passa a ser contada no espaço das redes sociais ¹⁴. Um espaço que se apresenta, ao mesmo tempo, como ferramenta técnica para uma possível elaboração da história da cidade há tempos guardada em si e nas impossibilidades cotidianas, e como modelo cultural para a construção de um novo viver.

Nesse sentido, é desse sujeito que vamos tratar, e, enquanto psicanálise, nada mais atual e pertinente do que começar pelo próprio Freud, para tratar desse universo de relações e significações. Um novo lugar, uma nova dinâmica que regulamenta a vida.

¹³ Fernando Pessoa. *Começo a conhecer-me. Não existo*. Poesias de Álvaro de Campos.

¹⁴ Espaço de interação social que acontece na internet, através do qual é possível se estabelecer uma comunicação coletiva. (Lévy, 2010).

Porém Freud já prepara para o desafio ao afirmar no texto “Mal-Estar na Civilização” que: “Não é fácil trabalhar cientificamente os sentimentos” (Freud [1930], 2010, p. 15).

A linha de pensamento que vai se estabelecendo por Freud em 1930, é de que o sentimento de si, de nosso Eu, primeiramente, é o sentimento mais seguro que nos envolve.

Continuando com a teoria freudiana, no tempo inicial da delimitação do sentimento de si, o bebê não consegue separar seu Eu do mundo exterior. Só ao receber estímulos que vão lhe trazendo sensações de prazer e desprazer, um aprendizado vai se constituindo. Ou seja, no começo, o Eu abarca tudo, e em seguida é que consegue separar de si um mundo externo. Assim, nosso atual sentimento do Eu alcança uma dimensão muito maior que se constitui na íntima ligação do Eu com o ambiente à sua volta. É como Freud diz: “esse sentimento do Eu que tem o adulto não pode ter sido o mesmo desde o princípio” (Freud [1930], 2010, p. 17).

Sobre esta mesma concepção, é possível apresentar o que consta no texto “O ego e o id”, Freud ([1923] 1976), no qual o autor afirma que a humanidade luta pela vida desde o início de sua constituição. Um conflito que se coloca através da tensão entre a pulsão de vida e a pulsão de morte. E o que o bebê sente como correspondente às suas demandas pulsionais é investido como pertencente ao interior do Eu, o que é sentido, de modo contrário, como desagradável é investido como exterior ao Eu. Essas sensações promovem a separação entre o interior e o exterior.

Para compreendermos esse processo, destacamos o que Freud afirma no texto “Introdução ao Narcisismo” ([1914] 2010), que se refere a uma conduta na qual há a retirada da libido do mundo externo e esta é dirigida ao Eu. É um tempo marcado pelo funcionamento chamado de narcisismo primário, o qual se apresenta como um estado inicial da vida quando o indivíduo se encontra fechado em si mesmo, sem possibilidade

de comunicação com o mundo externo. É nesse tempo do Narcisismo, que há a exigência de que o Eu seja submetido a um processo de desenvolvimento, e a partir de uma nova ação psíquica ganhe forma, ou seja, torna possível que ele seja investido em sua totalidade como um objeto de amor (Rocha, 1996).

Assim, a capacidade de amar consiste em um transbordar da libido do Eu para o objeto e o laço social pode ser constituído através das formas de escolha objetal. O uso do termo objeto em psicanálise poderá ser entendido segundo o vocabulário de psicanálise de Laplanche e Pontalis, a partir de três pontos principais, no primeiro enquanto correlativo da pulsão, na medida em que procura atingir o seu alvo, ou seja, a satisfação; no segundo ponto, enquanto correlativo do amor (ou do ódio), na relação da pessoa total ou do ego com o objeto também visado em sua totalidade; e por fim, no sentido tradicional da filosofia e psicologia do conhecimento, enquanto correlato do sujeito que percebe o conhecimento (Laplanche & Pontalis, 2001). Seguindo nesse conceito ainda com Freud, tem-se que: “A libido se apóia na satisfação das grandes necessidades vitais e escolhe como seus primeiros objetos as pessoas que nela participam” (Freud, [1921], 2011, p.59).

Através do investimento objetal, atingimos mecanismos de ligação afetiva, que podem ser chamadas de identificações; processo pelo qual se empenha em configurar o próprio Eu à semelhança daquele tomado por “modelo”. A identificação é a mais antiga forma de ligação afetiva a um objeto (Freud, [1921], 2011). Trazemos aqui a temática da identificação, pois nos baseando no que afirma Ceccarelli (1999), não podemos trabalhar a questão identitária sem levar em consideração a noção de identificação.

A identificação, segundo Roudinesco, é o “termo empregado em psicanálise para designar o processo central pelo qual o sujeito se constitui e se transforma, assimilando

ou se apropriando, em momentos-chave de sua evolução, dos aspectos, atributos ou traços dos seres humanos que o cercam” (1998, p. 377).

Diante dessa definição podemos visualizar o caráter dinâmico do processo identitário. Segundo Ceccarelli:

A identidade se estabelece a cada instante num movimento ao mesmo tempo particular e paradoxal que se repete continuamente. Ela repousa sobre uma linha imaginária demarcada pelos fantasmas que permitem ao sujeito de resolver o paradoxo entre aquilo que o assemelha e aquilo que o distingue. (Ceccarelli, 1997, pp. 2-3).

Voltando para o que se processa em um tempo mais inicial da constituição psíquica, Freud instituiu o essencial da relação narcísica quando a definiu como uma relação especular, na qual o objeto de amor é um espelho, por refletir a imagem daquele que não é capaz de amar senão a si mesmo. O sujeito aqui é, ao mesmo tempo, sujeito e objeto de seu próprio amor. Ser amado representa o objetivo e a satisfação na escolha narcísica de objeto (Rocha, 1996).

Em Lacan, esta compreensão é trabalhada a partir do conceito de estágio do espelho, que veio fortalecer ainda mais a teoria ~~de~~ que trata do papel estruturante que tem a imagem especular no processo da constituição e formação da subjetividade (Rocha, 1996).

Nos “Escritos”, Lacan intitula o estágio do espelho como formador da função do eu, considerando aqui que o tempo em que essa experiência acontece ainda é no estágio de *infans*, no qual a matriz simbólica do eu se precipita antes que a linguagem lhe restitua sua função de sujeito (Lacan, 1998).

Aqui temos um ponto importante da constituição psíquica que situa a instância do Eu, desde antes de sua determinação social. E a função do estágio do espelho é estabelecer uma relação do organismo com sua realidade. Porém, é um desenvolvimento vivenciado a partir de uma dialética temporal, que vai da insuficiência para a

antecipação e projeta na história a formação do indivíduo. A conclusão do estágio do espelho, que se estabelece pela identificação com a imagem do semelhante, inaugura a dialética que liga o eu a situações socialmente elaboradas (Lacan, 1998).

Na experiência especular, é importante considerar que há uma exigência em questão, que é a necessidade de uma autenticação concedida por outro, um outro que se oferece agora como espelho. Esse outro, por sua vez, se coloca na relação a partir do ideal do Eu.

Sobre o ideal do Eu, temos um conceito que ao longo do tempo foi sofrendo transformações enquanto compreensão. Segundo Elizabeth Roudinesco, no Dicionário de Psicanálise (1998), na primeira elaboração, na “Introdução ao Narcisismo” [1914], Freud nomeou o ideal do Eu como uma função do Eu. Já no texto “Psicologia das massas e análise do Eu” [1921], o nome se mantém, mas a função se transforma numa instância. Nesse momento, surge o termo supereu, utilizado de modo equivalente a ideal do Eu. Esse momento demarca que a ênfase passa a se localizar nos processos de identificação. Sobre a identificação, Roudinesco afirma: “Termo empregado em psicanálise para designar o processo central pelo qual o sujeito se constitui e se transforma, assimilando ou se apropriando, em momentos-chave de sua evolução, dos aspectos, atributos ou traços dos seres humanos que o cercam” (1998, p. 363).

Assim, pensar na questão identitária, em psicanálise, é pensar numa instância psíquica, que na relação com o outro se constitui, se forma e se transforma. Pensar no sujeito enquanto constituição é pensar no sujeito enquanto relação, enquanto movimento, enquanto tempo.

4.1.3. Na ciberpsicologia

É a partir da evolução nos estudos na área da ciberpsicologia, ramo da psicologia que estuda a dimensão subjetiva diante do meio digital, que surge um novo termo que

engloba a temática da identidade, “identidade digital”, demarcando o vínculo existente entre uma entidade real (pessoa ou instituição) e as entidades digitais que englobam suas diferentes representações virtuais (Donard, 2015).

Na ciberpsicologia, o termo identidade é trabalhado sob um referencial que permite o encontro consigo mesmo através dos recursos inerentes ao transitar no ciberespaço. Para tanto, elementos como interatividade, imersão e simulação serão essenciais nessa compreensão. Segundo Sherry Turkle (1997), com a internet e o avanço tecnológico, a vida pós-moderna passou a ter um laboratório social, que vem permitir a realização de experiências de construção e reconstrução do eu.

A lógica que rege o funcionamento do ciberespaço é uma prática de comunicação interativa, recíproca, comunitária e intercomunitária, na qual cada ser humano pode participar e contribuir. Ou seja, há aqui uma proposta que gera liberdade para estabelecer relações, se posicionar diante de pessoas e de questionamentos pessoais e sociais regidos por um discurso muito particular, no sentido de ser algo inédito, privado e não privado.

Como parte de todo esse crescimento do mundo tecnológico agindo no funcionamento e na temporalidade da vida, surge o que Pierre Lévy (2010) denominou de “comunidade virtual”¹⁵: esta é construída diante das afinidades de interesses, conhecimentos, sobre projetos mútuos, processos de cooperação ou de trocas que atingem as relações também no campo subjetivo. É um universo marcado por experiências de simulações e interações, por meio do qual é possível caracterizar a dinâmica da identidade no ciberespaço.

Diante do cenário das novas tecnologias, muitos espaços configuram possibilidades de relação, conforme já vem sendo descrito ao longo deste trabalho.

¹⁵ Novos padrões, seletivos, de relações sociais que substituem as formas de interação humana territorialmente limitada (Castels, 2003, p. 98).

Porém, no fenômeno das redes sociais, é possível estar mais próximo de aspectos que implicam na questão da dimensão identitária. Através da criação de um perfil numa página de *Facebook*, por exemplo, há a construção de uma identidade digital.

A identidade digital, enquanto conceito vai ser descrita por Fanny Georges a partir de três indicações: consiste nos dados que são inseridos pelo usuário na rede, por exemplo, nome, data de nascimento, fotografias; nas atividades do usuário no ciberespaço, exemplo, relações de amizade, relações profissionais; e por fim, as variáveis quantificáveis produzidas a partir de um cálculo do sistema computacional. (Georges, 2009 – Tradução nossa). Ou seja, tudo o que diz respeito ao referencial do sujeito na utilização da rede digital.

Seguindo com o pensamento desta autora, é preciso considerar aqui que “o impacto das práticas de comunicação a partir da realidade das novas tecnologias sobre a percepção de si e a representação do ambiente social é uma questão social de primordial importância” e reflete na identidade humana (Georges, 2009, p. 167 – Tradução nossa).

Desse modo, percebemos o entrelaçar das teorias na medida em que o modelo cultural proposto pelo universo das NTIC passa a contemplar a dimensão psicossocial do conceito de identidade, enquanto representação social.

Sherry Turkle, pesquisadora referência no estudo da identidade a partir do referencial da internet, em seus estudos, trata da relação sujeito com a tecnologia e fala da evolução nesse meio. Ela afirma que em um determinado momento o computador é uma ferramenta, auxiliando-nos na prática da escrita, na comunicação com outras pessoas, no gerenciamento de contas bancárias. Mas, além dessa realidade prática que corresponde ao nosso dia a dia, nos oferece um novo meio através do qual é possível projetar nossas ideias e fantasias (Turkle, 1997).

Nesse sentido, temos um progresso no que se refere ao que se constrói subjetivamente no ambiente do ciberespaço. O sujeito está, cada vez mais, inserido nesse universo, mais imerso numa realidade que, como já foi citado anteriormente, vai além da técnica e da facilitação da vida cotidiana.

4.2. Sobre o que se constrói de modo identitário no espaço digital

*Habitamos todos os meios com os quais interagimos. Lévy*¹⁶

A perspectiva de Pierre Lévy citada em epígrafe delimita a realidade crescente que vem circunscrever um modo inédito de habitar, que se dissemina através da expansão do ciberespaço. O ponto fundamental desta nova realidade, segundo Lévy (2010) é alcançarmos que não se trata apenas de uma ferramenta técnica, de infraestrutura, que vem facilitar o cotidiano do sujeito, mas, para além disso, há um processo de participação social, por meio do qual podemos considerar o favorecimento de novas vias de subjetivação e processos identitários.

O avançar dessa cultura tem como protagonista o próprio sujeito que adere e participa de maneira muito ativa na realidade que advém do mundo digital. Nesse percurso, uma relação se estabelece e, inerente a ela, um universo de signos e significados vão se constituindo também. O sujeito não interage desprovido de um campo simbólico representacional. Sendo assim, podemos pensar que muitos são os elementos que farão parte das transformações psíquicas presentes nesse novo habitar.

É um espaço que permite muito mais interação, trocas, onde a cultura da simulação predomina, e, desse modo, através das “comunidades virtuais, reconstruímos

¹⁶ Lévy, P. Cibercultura. (2010, p. 201).

a nossa identidade do outro lado do espelho. Esta reconstrução é o nosso trabalho cultural em curso” (Turkle, 1997, p. 261).

A ideia do espelho advém do que se processa a partir do olhar do outro sobre si, e nela se faz presente os processos identificatórios, essenciais para a construção da identidade. Segundo Bauman (2005, p. 36), “identificar-se com . . . significa dar abrigo a um destino desconhecido que não se pode influenciar, muito menos controlar”. Diante do campo do outro, realmente a linha é muito tênue entre o lugar de pertencer ou não pertencer. Muitos são os destinos que vêm nos direcionar. Por isso, nesse percurso não podemos ser coadjuvantes, é imperativo que possamos ser protagonistas da nossa própria vida.

Confirmando essa ideia, podemos destacar o que afirma Freud no texto “Psicologia das Massas e Análise do Eu”:

Cada indivíduo é um componente de muitos grupos, tem múltiplos laços por identificação, e construiu seu ideal do Eu segundo os mais diversos modelos. Assim, cada indivíduo participa da alma de muitos grupos, daquela de sua raça, classe, comunidade de fé, nacionalidade etc., e pode também erguer-se além disso, atingindo um quê de independência e originalidade. (Freud [1921] 2011, p. 92).

Com as inovações presentes no campo das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação, independência e originalidade são elementos que estão cada vez mais presentes na vida do sujeito contemporâneo. Um universo com novos espaços de representação e significação, que propiciam novas identificações e pertencimentos. Assim como uma multiplicidade das formas de ser, que remetem, atualmente, a uma impossibilidade de pensar a identidade vinculando-a ao sujeito ocupando um só lugar de existência.

5. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS, RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1. Metodologia de análise

Neste momento seguimos com a análise das entrevistas, apresentação dos resultados e discussão que compõem a presente pesquisa. Na análise dos dados coletados contamos com o método de análise de conteúdo proposto por Bardin (1977) e, em se tratando de uma pesquisa que contempla a história da cidade de Itacuruba, acrescentamos o recurso de consulta ao material da tese de doutorado de Maria do Socorro F. V. Figueiredo (2011), com o intuito de conseguirmos delimitar os dados históricos dos jovens pesquisados.

Inicialmente, a análise dos dados contou com a etapa chamada de “pré-análise”, na qual organizamos todo o material coletado, tornando as ideias em indicadores da realidade vivenciada por cada participante a fim de facilitar o processo de formulação de hipóteses, alcance de signos e significações (Bardin, 1997). Nesse momento da análise, foi fundamental a leitura flutuante do material coletado.

Desde o momento de elaboração das entrevistas, agrupamos esta em três temáticas principais: a relação do participante com a cidade; como acontecem hoje suas relações pessoais; e a relação do participante da pesquisa com a tecnologia, sendo neste último ponto que, ao final, inserimos uma questão que liga esses três temas (cidade, campo pessoal e tecnologia) através da pergunta: “Você acredita que as redes sociais mudaram sua forma de viver na cidade de Itacuruba?”.

Os dados da tese acima citada estão neste estudo compondo o referencial da Itacuruba de “ontem”, ressaltando o perfil das pessoas daquela época e da cidade antiga para essas mesmas pessoas, através de suas narrativas. Por meio dessas informações pudemos estabelecer uma análise comparativa entre a realidade de ontem e de hoje em

Itacuruba. E, desse modo, analisar o que os jovens falam dessa história, que não é tão distante, considerando o momento atual.

A análise das narrativas coletadas procurou identificar conteúdos que se repetiam ou se contradiziam, de falas que se destacavam enquanto elemento de representação e significação. Assim, foi possível obter não só uma informação fiel à realidade investigada, mas, também, alcançar fontes significantes que vieram a fortalecer as etapas seguintes de tratamento dos resultados, principalmente no que se refere à interpretação.

O momento de leitura flutuante nos serviu para perceber que a melhor forma de estruturar nossa análise seria partindo do que se ressalta em cada eixo temático da entrevista. E na sequência analisar todas as respostas de cada questão, contemplando, assim, o todo.

Desde o momento de pensar, teoricamente e metodologicamente, a pesquisa, houve o cuidado em não fazermos inferências sobre o que de fato se passava em Itacuruba no tempo atual. Nesse sentido, no roteiro da entrevista optamos por não fazer nenhuma pergunta que remetesse ao passado da cidade, com o intuito de observar se esse surgiria espontaneamente na fala dos participantes do estudo. E a partir das questões que remetiam ao viver na cidade de Itacuruba, isso aconteceu.

Na nossa metodologia de análise, a partir das observações *in loco* (presenciais e no ciberespaço) e das narrativas apresentadas nas entrevistas, alcançamos o conteúdo e o universo semântico dos participantes. O falar representa o que há de mais espontâneo no sujeito. Assim, foi possível ter uma dimensão real do que acontece com essa população atualmente.

Partimos então na busca por analisar como estava o viver hoje em Itacuruba diante de sua história. Um passado que não está tão remoto, mas tem tempo suficiente

para demarcar que nenhum participante do estudo tenha vivenciado a realidade de transposição, uma vez que 28 anos se passaram. Nesse caso, é a história de seus familiares que, ao ser lembrada, contada e recontada, estabelece uma transmissão, um referencial com o qual é possível se reconhecer, se identificar. Bem, isso é a teoria; mas estando na cidade, verificamos que as pessoas não querem falar desse passado, seja pelo sofrimento que representa, seja pela tentativa de romper com esse histórico que tem a marca da impossibilidade, física, afetiva, simbólica.

Através da negação da história, um lugar de falta se instala ligado ao existir do sujeito. E podemos destacar que falta é uma palavra recorrente na narrativa dos participantes do estudo, bem como da população de Itacuruba de um modo geral, como pudemos identificar no momento em que estivemos na cidade. A impressão que se forma, inicialmente, é que falta tudo lá. Contudo, nas entrevistas identificamos que ao mesmo tempo em que há uma falta, o viver acontece, de modo limitado, mas, assim a cidade segue constituindo sua história. O nome permanece, muitas pessoas que viveram a história de destruição permanecem, e nasce uma nova geração. Para esses novos sujeitos, podemos dizer que não se perde a linha transgeracional, pois como afirma Ronaldo Monte¹⁷ romper com o passado não significa romper com a memória. Ou seja, há o reconhecimento, mas não precisa haver a repetição, só que para isso é preciso existir, e assim decidir pelo que se quer manter ou extinguir.

E junto com essa nova geração chega a *Era Digital*. Universo que qualifica de modo diferenciado as relações de quem nasce nesse tempo da digitalidade, bem como de quem é de uma geração anterior. Desse modo se institui uma fronteira entre essas duas gerações. Nessa dialética, um é estrangeiro ao outro, mas precisam conviver, apesar da diferença. Elementos que para um grupo traz reconhecimento, pertencimento,

¹⁷ Comentário feito por Ronaldo Monte de Almeida na reunião do Laboratório de Psicopatologia Fundamental – EPSI, no dia 21 de outubro de 2016.

para o outro não acontece da mesma forma. É um processo que se assemelha aos primórdios da constituição do Eu, no qual o não Eu é internalizado como estranho, e por meio de processos de diferenciação e identificação o sujeito se constitui. Nesse sentido, surge uma associação: entre a Itacuruba de ontem e a Itacuruba de hoje, também há uma fronteira. Uma realidade que é estrangeira, mas com a qual a população atual precisa conviver. Como poderemos visualizar com mais detalhe nos resultados apresentados a seguir.

5.2. Perfil dos participantes

Para obter o perfil dos participantes e demonstrar o cumprimento dos critérios de inclusão e exclusão da pesquisa, criamos um formulário digital que contemplou os seguintes dados: idade, se o participante nasceu em Itacuruba, se o participante mora em Itacuruba, dispositivos de acesso a internet, frequência com que acessa a internet, se faz uso contínuo de redes sociais e de quais redes sociais participa.

Sobre a *idade* dos participantes ampliamos o intervalo que era de 18 a 24 anos, para 18 a 25 anos, pelo interesse de um participante com 25 anos em fazer parte do estudo. Então, consideramos que aceitá-lo não comprometeria o referencial de faixa etária correspondente à população jovem da cidade.

Sobre o quesito *local de nascimento*, pedimos, inicialmente, dentre os critérios de inclusão da pesquisa, que o participante tivesse nascido na cidade de Itacuruba, por se tratar de um estudo que trabalha com a relação identitária do jovem com a cidade. Porém a ida ao campo nos apresentou uma realidade com a qual não esperávamos: primeiramente, percebemos que a geração jovem de Itacuruba não nasce lá, porque não há, no sistema de saúde municipal, hospital que contemple o serviço de maternidade. E

como na sociedade atual quase não existe a prática de partos em domicílio, este critério não pôde ser preenchido, mas sim alterado, e o resultado disso foi percebermos, ao escutar os participantes do estudo, que apesar destes não terem nascido em Itacuruba, havia uma relação construída que permitiu a estruturação de uma identidade, um sentimento de pertencimento. Todos os participantes contaram a história de seus familiares que ali sempre habitaram, demonstrando que existe uma relação transgeracional como marca. Para demonstrar essa realidade, destacamos a fala de um dos participantes:

“Quando me perguntam, tu é da onde? Eu falo que nasci em Belém do São Francisco e moro em Itacuruba, então me sinto, metade Itacurubense e metade de Belém, é um amor dividido. (...) Toda a minha família é daqui, sei de toda a história da cidade, porque meus familiares sempre falavam (...)”.

É interessante que nesse participante a gente já consegue ver uma referência própria da história da Itacuruba de ontem se fazendo presente no tempo de hoje. E é interessante também que esse jovem escolheu a agricultura como prática profissional:

“(...) estudo o curso técnico agrícola, e sei que com o avanço da tecnologia a gente pode produzir até sem solo mesmo, então minha esperança é que com interesse da prefeitura a gente possa resgatar a agricultura aqui no município. Só precisava ter força de vontade para levantar essa bandeira”.

No item sobre *local de moradia*, o critério de morar em Itacuruba foi preenchido, sem nenhuma necessidade de ajuste metodológico. Todos moravam lá no momento de realização da pesquisa. Alguns com projetos de permanecer morando lá, já que novas oportunidades estavam surgindo para a vida profissional, inclusive oportunidades provenientes dos recursos das novas tecnologias. Outros com projetos de sair para estudar, mas com referência de poder retornar, e com o componente da tecnologia contar com estratégias de acesso e divulgação de seu trabalho. Todos esses

dados poderemos visualizar detalhadamente a partir da análise das entrevistas, logo abaixo.

Os demais pontos contemplados no formulário digital dizem respeito à relação dos participantes com o universo tecnológico. O intuito foi criar um perfil que caracteriza a realidade vivenciada a partir do uso da tecnologia por este público pesquisado. Nesse sentido, o que se configurou demonstramos através do quadro abaixo:

Principal dispositivo de acesso à internet	Celular	71,4%
Frequência com que se acessa a internet	Uso Diário	100%
Uso contínuo de redes sociais	Sim	100%
Redes Sociais que participam	Facebook	85,7%

Nas entrevistas, os participantes têm espaço para falar mais de como acontece a sua relação com a tecnologia e o uso de redes sociais. Vale ressaltar aqui, que dentre as alternativas disponibilizadas para a questão: *de quais redes sociais você participa?*, não explicitamos dentre as alternativas a rede social Whatsapp, mas no momento das entrevistas, esta foi uma modalidade muito citada enquanto uso. Além do Whatsapp, o Facebook, o Instagram, o Snapchat, o Imo, o Messenger, o Twitter e o Skype também

foram plataformas sociais e serviços de comunicação que foram referenciadas nas entrevistas.

5.3. O que podemos falar da relação do sujeito da pesquisa com a cidade de Itacuruba

A primeira questão desse eixo se reporta a *o que vem na cabeça do participante quando pensa em Itacuruba?* E foi predominante o aparecimento de conteúdos como: cidade pequena; isolamento; depressão; falta de oportunidades profissionais; falta de lazer; tristeza; cidade sem perspectiva; falta desenvolvimento; nada para fazer; e ao mesmo tempo aparece uma fala que diz visualizar uma perspectiva muito positiva de futuro para a cidade; cidade boa para se morar; cidade natal. Podemos considerar que esses foram os indicadores que se repetiram e, ao mesmo tempo, destacamos que houve contradições. Em ambas as condições, houve uma contextualização, por exemplo, quando se falou de ser uma cidade sem perspectiva, o contexto das falas foram:

“Tristeza, pensando que a cidade depende muito da política, você ta percebendo que o prefeito ta abandonando a população. A cidade fica sem perspectiva”.

“(...) Vem na minha cabeça também que é uma cidade tipo pequena, por eu já ter passado por muitas cidades grandes, uma cidade não muito desenvolvida, que depende apenas de um órgão que é a prefeitura”.

Ou seja, remeteu-se à realidade atual, à falta de investimentos enquanto gestão pública do município, que culminou em falta de desenvolvimento social e econômico para a cidade. E no que se refere a essa falta de desenvolvimento, podemos lembrar aqui que esta é a realidade que se configurou em Itacuruba após a construção da barragem de Itaparica. Sendo assim, percebemos que este foi o referencial que passou a existir na nova sede da cidade e perdura até os dias atuais. A falta de desenvolvimento da cidade

foi uma questão verbalizada de maneira unânime pelos participantes da presente pesquisa.

“Ao pensar em Itacuruba, o primeiro pensamento que vem é um sentimento de isolamento, depressivo, sabe? Não dá uma sensação de quando sai daqui, pensar, ah que saudade de voltar para Itacuruba. Sair de Itacuruba me dá uma sensação de alívio, sabe?”.

“Cidadezinha pequena, do sertão de Pernambuco, sertão de Itaparica, calma, não tem muito movimento, muito progresso, nada”.

Já a fala que apresentou variação a isso diz:

“Eu vejo uma cidade que passa hoje por uma crise, tanto política, quanto financeira, mas que tem uma perspectiva muito positiva de futuro, pessoas inteligentes, pessoas que têm ânsia de melhorias profissionais e pessoais”.

Podemos visualizar aqui que nas primeiras narrativas, há uma fala marcada pelo histórico, por um passado que pode estar como marca da destruição que ocorreu na cidade e pela sequência de falta de investimentos e falta de quem deveria desempenhar a função de zelar pelo bem estar da população. Na última narrativa acima, o conteúdo que aparece é de quem consegue romper com esse passado na medida em que se olha para o futuro. Um jovem que assume o protagonismo de dizer que o futuro depende das pessoas, as quais ele aposta em boas perspectivas. Um conteúdo coerente com o que se processa no tempo atual, com a propagação de espaços que promovem o acesso a informação e, ao mesmo tempo, conhecimento para que os jovens possam ser protagonistas das suas histórias.

Mas, o fato é que o conteúdo que aparece nessa última narrativa destaca o referencial de um jovem entre os demais. Próximo a ele, tem um que fala em existir esperança para as coisas melhorarem e, para isso, ressalta a importância da tecnologia. Esta foi uma fala que já destacamos acima, no perfil dos participantes da pesquisa.

Outro jovem, que se prepara para fazer um curso superior, fora de Itacuruba, pois lá não existe esse campo de formação acadêmica, fala que após se formar pode retornar e com a ajuda da tecnologia teria como divulgar e desenvolver seu trabalho no município, que apesar da falta de ter o que fazer é uma referência na sua vida. É onde mora toda a sua família.

“Ao finalizar meu curso (...), posso retornar, montar meu consultório e através da tecnologia poder divulgar o meu trabalho no lugar que eu cresci”.

De um modo geral, é prevalente falar que o viver em Itacuruba remete à falta de ter o que fazer, de modo contrário ao referencial que já vimos no capítulo dois desta dissertação através do perfil da cidade antiga, onde não faltava o que fazer. E aqui podemos constatar uma diferenciação, o ter o que fazer na antiga cidade estava ligado ao potencial da natureza local, tanto em termos de trabalho como lazer. Atualmente, o cenário é inverso a essa realidade, e este conteúdo aparecerá por diversos momentos na narrativa dos participantes. Também se fala que o viver em Itacuruba oferece realidades distintas no que se refere às necessidades de cada tempo da vida.

“Foi bom e ruim crescer aqui”. A infância foi boa. Depois que você amadurece você precisa de algo mais, e a cidade não tem esse algo a mais”.

“Na infância tive amigos, mas com a adolescência isso passou a mudar. Foi bom e ruim crescer aqui. A falta de lazer e oportunidade para o futuro são pontos ruins da cidade”.

Nas duas questões em sequência tínhamos enquanto assunto: se a cidade dispõe de opções para a vida profissional dos jovens entrevistados e se possui opções de lazer. Mas ao tratar do viver na cidade nas questões anteriores, estas foram respondidas confirmando que estas modalidades eram pouco presentes em Itacuruba, atualmente.

Na temática *cidade*, tivemos o intuito de escutar as narrativas do que vivencia hoje a população jovem de Itacuruba, sua relação com a cidade, e se de algum modo a marca do passado aparece nas entrelinhas de sua história. E percebemos que os conteúdos se voltam para a falta de progresso, de desenvolvimento que com o passar do tempo vai se tornando essencial para os processos de estruturação da vida do sujeito não só externamente, mas internamente também. Cada momento de transição exige habilidades internas para vivenciar o novo contexto que se apresenta. A faixa etária de 19 a 25 anos se configura como um tempo de saída da adolescência para entrada na vida adulta, sendo claramente um tempo de transição, no qual escolhas decisivas estão acontecendo. Sendo assim, a vida pessoal, profissional e a vida social estão em intensa movimentação. Informação que contrasta com o referencial do que possibilita a cidade.

“Falta o que fazer em Itacuruba”.

“Aqui falta tudo”.

Outra questão importante de destacar aqui, é que no falar sobre a Itacuruba de hoje, a antiga cidade aparece de modo pouco significativo nas entrevistas. Diretamente, apenas se faz associação ao que não funciona na cidade desde então. Diferente da realidade encontrada na cidade em 2011, quando Maria do Socorro Fonseca Vieira Figueiredo foi a Itacuruba para realizar seu estudo de doutorado. A diferença está também no fato de que nenhum dos participantes viveu na antiga Itacuruba. Todos só conheceram a nova cidade. Sendo assim, o passado é uma história contada por seus familiares. Esse é um dado que consideramos expressivo, pois saber da história, saber dos dados estatísticos em relação à cidade, não necessariamente indica saber do que realmente se passa no hoje naquela região.

Por meio desses conteúdos, constatamos que o contexto de limitações vem configurando a marca da cidade desde a mudança para a nova sede, e este cenário provoca hoje nos jovens uma narrativa que expressa busca de melhorias para a cidade. Identificamos que há essa busca a partir das queixas que largamente foram feitas nas entrevistas. Queixas que interpretamos como um “pedido”, ou um desejo, que demonstra o querer viver na cidade, de modo que é possível com isso perceber que há na cidade uma relação de identificação com elementos que produzem o sentimento de pertencimento aquele lugar, no qual se vive, no qual é possível desenvolver alguns poucos projetos, e como já foi dito antes, visualizamos que há hoje uma vida que segue em Itacuruba.

“(...) eu acho que minha infância não poderia ter sido melhor, muito bom mesmo, e eu amo Itacuruba, apesar de tudo, eu gosto muito daqui. Apesar de não ter muitas opções do que fazer”.

“(...) é a minha cidade natal, né? Apesar de que sou filho adotivo, meus pais me pegaram para criar e eu vim para cá com três anos. Meus pais verdadeiros moram em Recife. Mas é assim que considero, minha cidade natal”.

5.4. O sujeito da pesquisa e suas relações pessoais

Nesse eixo pudemos ter acesso a questões que envolvem as relações do sujeito da pesquisa com familiares, amigos e como se estabelece o contato dos participantes da pesquisa com seus amigos. E assim vamos conseguindo conhecer o jovem que vive hoje em Itacuruba, diante dos diversos campos que compreendem suas relações.

No que se refere à questão familiar, constatamos que Itacuruba possui uma realidade na qual há uma ampliação do universo que corresponde ao núcleo central, pai, mãe e irmãos, convivendo na cidade. Esse fato foi retratado de modo praticamente unânime dentre os participantes da pesquisa:

“(...) Aqui tenho muitos familiares”.

“(...) Ótima convivência. A maioria da família é daqui”.

“(...) A família de mainha é toda daqui”.

“(...) Tenho outros familiares morando aqui, primos, avós. (...) O meu avô é reconhecido por ter uma história de vida dentro da cidade de Itacuruba”.

“Moro com meu avô e minha avó. Porque minha mãe, meu pai e minha irmã e eu viemos morar um tempo com meus avós, porque a casa da minha mãe tava em reforma, aí depois que eles voltaram, meus avós são idosos aí fiquei com eles, porque eles moravam sozinhos. Isso faz mais ou menos uns cinco anos, e como aqui em Itacuruba tudo é perto, sempre estou com meus pais. Tenho muitos outros familiares também morando aqui”.

“Questão de nossa família, tipo, a gente só vive todo mundo junto, na casa um do outro, é muito bom”.

E é através da família que o jovem que vive hoje em Itacuruba tem acesso à história da cidade, que é a história dos seus familiares e é também a sua história.

Sobre a relação com os amigos, houve uma variação entre os termos “amigo” e “colega”. Algo que passa pelo critério de não ser possível dizer que todo mundo com quem há um conhecimento, podem ser chamados de amigos. Na avaliação dos participantes só dá para se considerar amigos aqueles com os quais existe uma proximidade maior, uma relação de confiança, de cuidado e de intimidade.

“Conto nos dedos quantos amigos eu tenho”.

“Tenho muitos amigos”.

“(...) Amigos e coleguismos também, lógico né. Mas as pessoas que você menos imagina, são as que mais se preocupam com você”.

“Tenho. Muitos amigos, que na verdade a maioria são colegas né. Amigos mesmo não muitos”.

“(...) a cidade inteira é minha amiga. As pessoas me acham muito extrovertido, alegre, então, a gente não é de, tipo, renegar ninguém. Todo mundo aqui é amigo, se encontra na rua, fala, se senta”.

“(...) Só que nem todo mundo que se conhece através das redes sociais dá para se chamar de amigos (...)”.

Pensar no universo que envolve as relações de amizade no tempo atual tem um ingrediente a mais, que é o que se constrói no espaço das redes sociais. Esse foi um ponto também abordado nas entrevistas com os participantes. Primeiramente, quando questionados sobre o contato com seus amigos hoje, se este acontece mais através de encontros presenciais ou através das redes sociais, predominou mais o contato através da utilização do espaço das redes sociais. Principalmente considerando que por meio desse espaço há uma comunicação mais rápida e considerada eficaz. O contato presencial foi referenciado, porém, nos casos em que os amigos estão próximos, mas mesmo assim a rede social se faz presente no ambiente de interação. Como pode ser visto nesta fala:

“É assim, eu tenho vários, muitos amigos mesmo, então, o grupo maior o contato é mesmo pelas redes sociais, mas o grupo mais próximo a gente sempre ta junto, tipo na casa da minha tia, somos em quatro ou cinco pessoas que a gente sempre ta junto, assistindo filme, as vezes a gente fica usando as redes sociais, mas a gente ta lá um do lado do outro, e assim fico ligado nos dois. E nas redes sociais, a gente ta o tempo todo trocando mensagens, no whatsapp, messenger, a gente se fala muito, participo de muitos grupos de amigos, de perto e de longe, no whatsapp, sempre estamos em contato, e assim a gente fica acompanhando tudo, depois das redes sociais é difícil alguém ficar por fora de alguma coisa, a não ser que a pessoa seja muito isolada mesmo. O tempo todo tô conectado nas redes sociais, fico estudando e respondendo o que se passa lá, tudo ao mesmo tempo. Nesse contato a gente fala sobre tudo da vida um do outro, quanto mais amigo, mais próximo, mais a gente faz esse contato quase que diário”.

É interessante destacar aqui que sobre essa realidade do contato, no comparativo entre a realidade na antiga e na nova cidade, temos que na antiga Itacuruba o contato entre as pessoas era maior, conforme existem falas remetendo a isso na tese de Figueiredo (2011). No hoje, percebemos nos conteúdos apresentados que a presença do espaço das redes sociais demarca um novo modo de se manter mais contato na cidade.

E hoje, considerando a cultura das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação, a temática das redes sociais aparece desde os dados iniciais da coleta, na construção do perfil dos participantes, como um componente de destaque que envolve a realidade dos jovens do presente estudo. E contemplando esse universo identificamos nas entrevistas alguns indicadores: interação, comunicação, aproximação.

Através desse universo, é relatado que é possível estar sempre em contato, saber do que se passa na vida um do outro. Esta é a manutenção que caracteriza o contato que se institui nas relações de amizade nesse espaço. A fala dos jovens contempla que há uma necessidade de encontro presencial, mas enquanto relações complementares. É um meio no qual o jovem está, e para alguns inclusive, não é mais possível ficar de fora.

“Os amigos daqui, as pessoas que eu conheço daqui é mais presencial. E os de fora, o contato é mais por rede social. (...) Entendo que são formas de contato diferentes, um não substitui o outro. Eu acho até que as redes sociais vieram, um pouco que para aproximar as pessoas, só que de uma certa maneira, ela acabou afastando”.

“(...) E se o amigo tá longe, através das redes sociais a gente se sente perto. É uma maneira de tá longe e perto ao mesmo tempo”.

É predominante, dentre as narrativas dos participantes, que através do uso das redes sociais temos um espaço que promove mais ‘interação’ e amplia os processos de ‘comunicação’. E no que se refere ao indicador ‘aproximação’, tivemos uma variação no conteúdo relatado. Para alguns, o simples fato do fácil acesso já aproxima mais as pessoas. Porém, pensando na dimensão mais ampliada do que constitui o contato,

podemos considerar uma possibilidade de haver afastamento. Nesse sentido, é importante ressaltar o que os participantes consideraram por *estar em contato*: conversar; ajudar; interagir; se encontrar; trocar mensagens; ter intimidade.

“Eu acho que hoje tem a questão do contato pessoal, frente a frente e tem a questão do contato virtual. (...) Uso o virtual quando quero saber como meus amigos estão (...) o contato se passa muito para saber como o outro está”.

“O contato com meus amigos é o mais íntimo, íntimo mesmo. Se encontrar, chegar, abraçar, falar de tudo, se ver todos os dias, cidade pequena também, né, a gente se vê todos os dias, quando não da para se ver, a gente ta sempre se falando pelo whatsapp, por ligação. É um contato muito próximo”.

“Tem amigos que eu falo todo dia”.

Diante do que apreendemos nas entrevistas, podemos afirmar que a perspectiva de contato hoje contempla uma relação possível através do ambiente do ciberespaço. Estamos considerando aqui tanto a adesão dos participantes ao uso das redes sociais, quanto à fala dos mesmos que transmite o reconhecimento de que este universo traz pontos positivos e negativos para essa dimensão do contato. As conversas se ampliam para processos de comunicação. Tem um participante que fala que na rede social é possível acompanhar *“resenhas”*, *“fofocas”*, nomenclaturas que podemos considerar até de tempos anteriores que hoje são vivenciadas através de *“postagens”*, *“curtidas”* e *“compartilhamentos”*.

Aqui podemos pensar na dimensão da presença generalizada apontada por Pierre Lévy, enquanto realidade que se propaga diante da cultura da hiperconexão. Por meio desta, é imperativo estar sempre conectado, o que implicaria dizer que estamos sempre disponíveis. E na rede a palavra é exatamente essa, ao ficar online, indica que você está disponível. Então, trazendo os indicadores dessa questão do contato, a partir do lugar de

atenção, cuidado, disponibilidade que evoca as relações de amizade, mais que isso, as relações humanas, o ambiente online se coloca como adequado e atrativo. E sobre essa questão de ser um ambiente atrativo, as respostas positivas dentre os participantes foram unânimes.

5.5. O que podemos falar da relação do sujeito da pesquisa com as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação

Nesse eixo, buscamos adentrar no que se configura enquanto relação, propriamente dita, com o acesso à tecnologia no cotidiano dos participantes da pesquisa. Constatamos que o início do uso de dispositivos de acesso a internet aconteceu em média no tempo da adolescência, a idade mínima relatada foi 14 anos, fato associado ao momento da chegada da internet em Itacuruba, 2009, sendo o sinal *wifi*, apenas disponibilizado em 2010. Perguntados sobre suas vidas terem mudado a partir desse momento, todos responderam de modo afirmativo, e a referência para isso foram as facilidades que este campo promove. Os aspectos mais citados são: comunicação; acesso a informação; ampliação de amizades.

“(...) Eu passei a ter o conhecimento do mundo inteiro nas minhas mãos. E isso é muito importante, informação hoje vale ouro”.

“Mudou. Ficou mais fácil de resolver as coisas. Resolveu a questão da comunicação para quem tá distante. Ficar na internet acaba sendo uma opção de lazer, por não se ter o que fazer”.

“Mudou para melhor com certeza. Porque consegue aproximar um pouco mais as pessoas, naquela época em que saiu as redes sociais, a gente aqui tinha uma certa dificuldade de ter acesso a linha telefônica, de fazer ligação, propriamente dito. Então na época que chegou internet aqui, não pegava sinal de celular. Aí usava muito o MSN e o Orkut na época para se comunicar com pessoas de fora, a capacidade de achar pessoas que não víamos há muito tempo. É..., mas... mudou para melhor com certeza, de todas as maneiras. Eu consigo divulgar meu trabalho, consigo ter uma diversão maior pela quantidade de amigos que

tenho hoje, de cinco mil amigos que tenho no facebook, 90% eu conheço, não só via rede social, mas que eu conheço pessoalmente. Mais a realidade do smartphone, a possibilidade de poder se conectar numa rede wi fi, conversar, mandar mensagens, trocar fotos, vídeos, compartilhar os momentos que a gente ta vivendo”.

O tema das redes sociais já foi abordado no eixo anterior, na medida em que se mostrou como o modo predominante de estar em contato com os amigos atualmente. E, mais uma vez abordamos o assunto, no intuito de saber um pouco melhor do que os participantes pensam a respeito desse universo que se mostrou ser tão atrativo. O questionamento aqui foi: *em sua opinião para que servem as redes sociais?* Dentre as respostas ressaltamos os seguintes indicadores: comunicação; espaço livre para expressar pensamentos; diversão; acesso a informação; quebra de fronteiras; interação; meio atrativo.

“Além de comunicação, diversão (...) o que mais me atrai nas redes sociais é a ideia de que a internet é um espaço livre para as pessoas poderem expressar seus pensamentos a vontade, as mídias mais antigas como o rádio, a TV, os jornais impressos são muito censurados e não abrem espaço para novas ideias, é como se houvesse uma estagnação da inovação”.

“Se manter informado, meio de comunicação mais rápido, encontrar amigos que não se vê a muito tempo. Jogar, conversar”.

“Assim, ela foi criada com o propósito de facilitar a comunicação das pessoas (...) é uma forma de interação da sociedade (...)”.

“Eu creio que seja para facilitar a vida das pessoas. Eu acho que tira várias fronteiras, consegue aproximar as pessoas que moram longe, no caso”.

“Na minha opinião, serve para facilitar o contato entre as pessoas né. Tipo a gente aqui agora se falando. Se não fosse a tecnologia não estaríamos conseguindo fazer essa entrevista com você aí e eu aqui. Facilita o contato, a comunicação”.

“Para interagir mais com as pessoas, com as coisas (...)”.

“Elas servem para estar me comunicando, com as pessoas que eu não tenho muito contato, porque depois que fui fazer meu intercambio, eu conheci várias pessoas, do Pernambuco inteiro. (...)”.

Adentrando mais no que se passa nesse universo, buscamos entender o que aparece a partir da criação de um perfil em uma rede social, e o que se destacou foi: vida pessoal; falar de quem sou; colocar o mínimo da vida pessoal; demonstrar alegria; sentimento; informações atuais.

“(...) são as informações pessoais as mais importantes, porque se não a rede fica sem vida, sabe, o perfil, nem parece que foi uma pessoa que criou, mas sim aqueles fakes”.

“Eu acho que sempre a verdade. É..., é tanto que o meu perfil hoje no facebook não tem tantas informações ao meu respeito, só onde eu moro, de onde eu sou, meu nome e que sou solteiro, só tem isso, ah e também a escola que cursei, não tem em que eu trabalho, porque a foto de capa é a divulgação da minha empresa então quem clica na página, aí já vê que eu trabalho na área de eventos, mais informações básicas. Mas eu acho que sempre a verdade. Acho que eu não atualizo tanto porque não sou muito ligado nisso, não sou muito fanático, só uso o essencial, e o essencial hoje é muito o meu trabalho”.

“Eu na verdade só tenho um perfil que é o do instagram, e lá não falo muito sobre mim, só coloco meu nome, minha idade, coloco uma frase, só isso, não coloco nem a cidade onde eu moro. Não gosto. Sou muito discreta, gosto de privacidade. /O que acho que não deve ser colocado é em relação a sua vida particular, tudo que se passa no seu dia a dia, se você ta bem, se você ta mal, expor sua vida íntima, eu acho que não deveria. Agora fotos da sua vida social, momentos com os amigos eu acho que pode ta lá na rede sim”.

“Eu só uso mais para postar foto. Postar mensagens falando de mim, não faço muito. Posto foto de momentos da minha vida coloco legenda, contextualizando aquela foto (...)”.

“Mostrar de onde venho, a primeira coisa que falo com alguém que não conheço é, onde você mora? Questão de segurança, a gente tem que se manter seguro, com essa pessoa, então a gente coloca os dados pessoais, para que as pessoas nos conheçam (...)”.

Sobre esse aspecto, há divergência nas respostas no que se refere a colocar na rede dados da vida pessoal. O que prevalece aqui é a característica pessoal de cada

sujeito. Os que se mostraram com uma personalidade mais reservada colocam menos dados de si. É interessante que na plataforma *Facebook*, rede social de maior adesão dentre os participantes do estudo, ao criar um perfil é solicitado que o usuário da rede “se apresente”, e o espaço fica livre para cada sujeito decidir como fará sua apresentação. E esse aspecto liberdade foi destacado como indicador que faz referência a como esses jovens se sentem ao participar desta rede social.

Em geral, foi dito que de uma rede social para outra, há uma mudança no modo de estar:

“Tipo, cada rede social tem um perfil, assim, diferenciado. Muitas pessoas às vezes falam, Ah! O facebook tá ficando sem graça. Ai para onde a gente vai agora? Vamos pro whatsapp, ai quando tá lá no whatsapp, que os grupos estão parados, a galera tá morada, vamos pro instagram então, aí a gente vai pro instagram, fala pelo direct. Cada rede social, tem seu perfil, tem sua personalidade, tem seu uso, a sua função, tipo, quando a gente tá numa galera se divertindo, aí a gente quer registrar os momentos felizes ali naquela hora, tá em família, também, aí você usa o snap”.

Sobre o que se espera ao falar de si no espaço das redes sociais, este foi um ponto que remeteu a algumas divergências dentre os jovens pesquisados: desde o fato de dizer que não espera nada, levando-se em conta que a opinião do outro não vai interferir na sua; aos que disseram que esperam que as pessoas curtam e comentem o que se posta acerca de sua vida. Nessa incongruência um aspecto foi ressaltado, o fator amadurecimento. Nesse ponto destacado, esperar mais do outro foi relacionado ao fato de ser mais novo enquanto idade, mais imaturo e nesse sentido se destacou que com o tempo é possível ir aprendendo sobre esse “*estar na rede*”.

Considerando as implicações acerca do referencial que constitui o outro para o sujeito, temos uma questão teórica importante para o trabalho se fazendo presente. Podemos ilustrar com o que afirma Freud em “O mal-estar na civilização” ([1930] 2010), sobre a relação do Eu com o mundo exterior, esta se construirá aos poucos, em resposta a estímulos diversos.

Diante de um novo modelo cultural, o sujeito está submetido a estímulos cada vez mais diversos. Sendo assim, se amplia seu sistema de referências como já pudemos acompanhar enquanto teoria no presente estudo. Destacamos as respostas nesse ponto que apresentaram uma variação maior enquanto conteúdo:

“Não, não espero nada. Porque independente do que falem, isso não vai mudar nada na minha vida”.

“Não. Normal, posto, mas não penso que as pessoas vão falar, vão curtir”.

“(...) Sempre tem isso, mas foi passando o tempo, até porque quando criei a rede social, eu ainda era do ensino fundamental no caso, hoje já to terminando o ensino médio e o curso técnico, então eu fui distinguindo o que posso ou não posso postar, o que é relevante ou irrelevante para mim, então hoje eu mais observo do que posto, no caso, em relação a política mesmo agora, todo mundo fica postando as coisas, e tal, aí eu fico me coçando para postar alguma coisa, mas não vai influir em nada na minha vida, então fico na minha e mais observo. (...) as curtidas nas nossas coisas acontece naturalmente, hoje eu não fico esperando por isso. É normal as pessoas gostarem ou não do que você postou. Até porque, eu mesmo, penso muito antes de postar alguma coisa. Então, não vai ter muita novidade lá porque eu já pensei muito antes de postar”.

“Espero. Que as pessoas curtam o que posto. Acho que isso é ter interação”.

“Espero que a pessoa passe a acreditar mais em mim, achar que sou uma pessoa de respeito, porque eu preservo muito a questão do respeito. Eu acho que, tipo, as pessoas se encantam pela história da minha vida, porque eu considero a minha vida um livro aberto, não tenho nada a esconder de ninguém, sou bem justo, e faço sempre aquilo que acho certo. Sempre considero muito a opinião das pessoas, até as pessoas costumam dizer, que penso mais nos outros do que em mim. Sempre penso, o que os outros vão achar, do que pensei sobre aquilo”.

É importante entendermos nesse ponto que existem diversos modos dos jovens poderem se expressar e falar de si, de modo que isso não precisa acontecer, necessariamente, de maneira direta. Mas ao postar uma foto de momentos vivenciados individualmente, ou com amigos, por exemplo, é você, é a sua vida que está sendo colocada na rede, uma foto transmite uma mensagem de si, de quem eu sou, do que gosto de fazer. E esse compartilhamento de fotos tem sido uma prática muito comum no

universo das redes sociais. Aqui, podemos afirmar que, por meio das produções de conteúdos em redes sociais, os jovens da presente pesquisa partilham seu modo de ser e de viver.

Segundo a pesquisadora Sherry Turkle: “De tanto vemos a nossa imagem refletida no espelho das máquinas, acabamos por olhar para nós próprios duma forma diferente” (Turkle, 1997, p. 11).

Diante da adesão e participação no espaço das redes sociais, buscamos alcançar como os jovens se sentem nele, se é considerado um espaço seu, e como se sente para se expressar. Neste ponto os indicadores foram: conforto; liberdade; e identificação.

“É um espaço que me sinto confortável, livre, um espaço meu mesmo para falar sem se preocupar com o que as pessoas vão falar. Mas normalmente falo sobre o que gosto, sobre o que vejo nas redes sociais de outras pessoas, sobre tecnologia”.

“Assim, eu creio que sim, porque elas, querendo ou não, definem de personalidade, o tipo de pessoa que sou, assim, cada pessoa vai ter um perfil a sua maneira, o perfil vai ser aquela pessoa que você é. Então é um espaço meu, é um espaço que eu defino o que vai ter, quando vai ter e como vai ser, entendeu? (...)”.

“Sinto sim, até porque quando eu posto fotos eu coloco frases, frases que eu gosto, que me identifico, que eu acho interessante, então eu acho que tem isso sim de poder falar o que se pensa, aliás, de maneira saudável, lógico, não para ficar entrando no perfil das pessoas e ficar esculhambando com elas, e postando comentários ofensivos, mas quando eu posto minhas fotos, minhas frases, é o que eu penso, o que eu acho, eu me expesso. Me sinto livre sim, e falo do que eu sou. Lá as pessoas conhecem um pouco de mim sim”.

“Sim. Com certeza. Eu acho que todo mundo tem. Todo mundo se expressa do jeito que quer nas redes sociais”.

“Sim. Porque eu acesso todo dia, então, com certeza, mais de uma, para enfatizar. E lá tem a opção de você colocar para quem você quer que veja o que você tá postando. E fica como um lugar que tá tudo guardado lá, tem fotos antigas que não tenho mais no celular, que quando to com saudade, vou lá e olho. Outro dia tava vendo uma conversa minha de 2009 que eu nem lembrava que existia. Então é muito legal isso. / Me sinto, mas penso se algo que coloco

possa afetar, se as pessoas vão comentar ou não comentar. Tem assuntos que eu evito entrar. Eu não uso o facebook para fazer desabafo não, mas muita gente usa”.

“Considero, é um espaço meu mesmo. Eu acho que a rede social é mais utilizada para conhecer novas pessoas, e a fim de mostrar o que se passa em nossa vida para alguns, então eu acho que as redes sociais é um incentivo, tipo, eu era muito tímido, abria o facebook e não postava uma foto, porque eu tinha vergonha. A rede social nos dá o livre arbítrio, pra gente tá ali postando alguma coisa”.

E no que se refere ao que se falou sobre a liberdade, houve uma variação. Um participante respondeu que não se sente livre para se expressar no espaço da rede social, mas na sequência fez uma distinção desse sentimento de uma rede social para outra:

“Não. Não é tão livre. No whatsapp sim. No face não, porque outras pessoas tem acesso, mas isso também não impede que eu consiga me expressar, pois não fico preso ao que as pessoas falam”.

Ainda sobre essa questão da liberdade, o que prevaleceu foi considerar que é um espaço livre, no qual existe autonomia para o sujeito se colocar na rede. Porém ficou demarcado, também, que há uma presença muito ativa do “olhar do outro”, ou seja, de um referencial externo a si que exerce poder sobre o funcionamento individual nesse espaço que é público e privado, ao mesmo tempo.

Freud, em “O mal estar na civilização”, afirma que “o primeiro êxito cultural consistiu em que um número grande de pessoas pôde viver em comunidade” ([1930] 2010, p. 63). Ainda nesse mesmo texto, a relação entre o processo cultural e o desenvolvimento individual pode ser ampliada para a questão de a comunidade formar o Supereu, e a sua influência irá proceder da evolução cultural. Adentramos aqui na referência dos ideais, na medida em que percebemos elementos do meio refletindo na vida destes participantes. Por exemplo, quando se afirma que para além do falar sobre o que gosta, se fala sobre o que se vê nas redes sociais de outras pessoas, ou de temas

sociais que são compartilhados. Isto é, se estabelece aqui algo que é do outro que eu posso incorporar. A própria plataforma Facebook oferece diversas opções interativas que promovem voltar-se para si e para o outro, como por exemplo, através de ser um espaço no qual é possível colocar “o que você está pensando”, colocar fotos pessoais, registrar momentos sociais, com amigos, trabalho, compartilhar informações com as quais há uma identificação, curtir postagens diversas na rede, com as quais também há uma identificação, existe uma ferramenta chamada criar lista de interesses, entre outras opções já que esta é uma plataforma que está em constante atualização.

A última questão da entrevista faz o elo entre o referencial da tecnologia, através do uso das redes sociais e o viver na cidade de Itacuruba para cada participante, já que foi no espaço das redes sociais que identificamos, no início dessa pesquisa, a história de Itacuruba ser contada. Então partimos para identificar como essa realidade estava se processando hoje. E os indicadores nesse ponto expressaram: mais acesso a informação; novo ânimo à cidade; possibilidades de estudo; comunicação; facilidades; possibilidades para a vida profissional.

“Mudaram, e muito. Eu tenho mais acesso a informação, posso estudar coisas que antes eu não poderia. Aqui praticamente não existe biblioteca, não existe jornal, então a internet traz o acesso à informação. Também muda a questão das pessoas saberem mais uma da vida das outras, da um pouco de ânimo sabe, porque a cidade é muito parada, sabe. Mas a mudança principal é no campo dos estudos, matemática, programação, língua estrangeira, se não fosse a tecnologia teria que sair daqui”.

“É, podemos dizer que sim. Mas não é aquela mudança total sabe, é algo normal que afeta só em alguns sentidos aqui. Porque numa cidade grande há mais possibilidades dos eventos que a gente visualiza na rede, de acontecer na cidade, mas aqui como a cidade é pequena, isso não acontece, só aquelas coisas que já são comum de ter. Não surgiu novidades ainda na cidade a partir das novidades que podemos ver na rede”.

“(...) se muda alguma coisa é nas facilidades do acesso a coisas que antes a gente não tinha”.

“Sim, mudaram muito. (...) depois que comecei a trabalhar, (...) a questão das redes sociais me ajuda no meu contato com os professores, eles me repassavam conteúdos para as aulas, então de uma certa forma, fui amadurecendo porque eles não me repassavam já pronto, a gente se comunicava pelo skype e eles iam me explicando, então da maneira que ia aprendendo com eles, ia tendo um certo amadurecimento. Então para vida profissional trouxe melhorias, mas de um modo geral a cidade precisa melhorar muito”.

Nas narrativas aqui apresentadas, há uma mudança diante das novas possibilidades que já foram descritas enquanto indicadores. Algumas limitações com o novo referencial da tecnologia vão sendo superadas. O espaço das redes sociais é tratado como um espaço mais individual do que coletivo, na medida em que as mudanças envolvendo o viver se voltam para as necessidades pessoais de cada participante. Mas não podemos desconsiderar que foi dito que é um espaço que propicia mais movimentação na cidade, mais contato entre as pessoas na cidade e, com isso, esta ganha um “pouco de ânimo”.

E fazendo uma última reflexão nesse ponto, nosso primeiro contato com a cidade mostra um lugar pequeno, sem grandes construções, nem avenidas, porém habitado por pessoas que demonstraram o que chamamos na presente pesquisa de “desejo de vida”, na medida em que há uma busca por melhorias e progresso para a cidade, como já ressaltamos anteriormente. Ter melhores condições de vida foi uma temática recorrente nas conversações que mantivemos com os habitantes, bem como no conteúdo expresso pelos participantes do estudo no período de realização das entrevistas. Assim, como primeira interpretação, podemos considerar que há um desejo de vida por parte dos habitantes da Itacuruba de hoje. E essa busca vem tanto no campo do lazer, como do campo profissional, como de uma estrutura maior que envolve

peessoas, governantes, famílias a fim de permitir que de fato se possa viver naquela cidade.

Antes de irmos a Itacuruba, sabíamos de uma história: que a cidade que existia hoje não era a mesma de antes, que após a construção de uma barragem a cidade foi deslocada. Sobre as consequências dessa realidade para a sua população hoje, apenas um participante fez referência direta, demonstrando ser uma questão que não consegue entender, pois, os dados que ainda apresentam a cidade, para ele não condiz com a realidade. E fala isso ao refletir sobre a última questão da entrevista que aborda se há mudanças no viver hoje em Itacuruba com o universo das redes sociais:

“Um pouco, porque eu acho que se não existisse elas eu estaria mais louco. Podia ser até que eu ficasse depressivo, entrasse na estatística mundial da cidade. Porque pensando na cidade até hoje a gente se pergunta como se conseguiu esses dados, sobre a quantidade de pessoas depressivas, porque é uma coisa que não condiz muito com a nossa realidade, que a gente tá aqui no dia a dia, mas é uma coisa que foi comprovada, que muitas pessoas tomam remédio aqui em Itacuruba, o pai de uns amigos meus se matou, ano passado, ano retrasado se não me engane. Ai uma das propostas que a gente fez no bate papo com esse pré candidato a prefeito é que ele invista numa pesquisa para saber realmente qual o motivo dessas pessoas serem tão dependentes desses remédios, de acontecer essas coisas, se é por falta de emprego, se é por falta de estudo, se é por falta de lazer. Porque assim a informação que sei é que no mundo todo a nossa cidade só perde para o Japão em números de depressivos, então é uma cidade pequena e a gente não poderia carregar um título desse né. E as pessoas não se preocupam em saber o motivo disso”.

Essa reflexão expressa então que o jovem não se reconhece com a característica de ser uma cidade de depressivos. Em outra narrativa das entrevistas, um participante falou em perspectivas positivas para a cidade relacionando isso às pessoas serem inteligentes e terem ânsia por melhorias pessoais e profissionais. Vale ressaltar que essa busca não acontece fora de Itacuruba, os jovens falam que querem melhorias para o viver na cidade.

Fazendo a comparação entre a realidade apresentada pelo perfil da Itacuruba de ontem, criado a partir dos dados da população local, no estudo realizado na cidade em 2011, e a realidade apresentada hoje, temos uma primeira diferença que se expressa no fato de não ser recorrente na narrativa dos participantes do presente estudo falar da antiga cidade. Os jovens de Itacuruba falam da cidade hoje, mas falam de uma cidade com muitas limitações, assim como a população em 2011 falava dessa nova Itacuruba. Ou seja, sem se remeter a antiga cidade, os jovens falam do contexto que permaneceu tal qual era retratado pelas pessoas que viveram nas duas cidades.

E, apesar da referência de dois tempos dividindo a história da cidade, diante dessas informações, ficamos com a impressão de que são três. Maria do Socorro F. V. Figueiredo fala na tese de um “tempo em suspenso” em Itacuruba, que localizamos como o momento logo após a transposição, tempo no qual só era possível falar do “paraíso perdido” (Figueiredo, 2011, p. 28). Temos então a Itacuruba de Ontem, a Itacuruba de um “tempo em suspenso” e a Itacuruba de Hoje.

Constatamos que muitas das dificuldades relatadas pela população no “tempo em suspenso” se mantêm ainda hoje. Mas, constatamos também que o passar do tempo trouxe uma nova realidade para Itacuruba. Primeiramente, a população já consegue não reportar o viver de hoje ao que se podia viver na antiga cidade. E com o referencial das NTIC surge o ciberespaço, lugar no qual essa população começa a poder registrar sua história, como pudemos localizar, ao pesquisar sobre Itacuruba no espaço das redes sociais. Segundo informações dos moradores de Itacuruba no momento de saída da velha cidade para a atual foi indicado para a população que não se falasse mais da Itacuruba antiga. E como fala Clarice Lispector (2014, p. 86): “pessoas precisam tanto poder contar a história delas mesmas”. No espaço das redes sociais isso passou a ser possível para essas pessoas, encontramos perfis coletivos que abordavam a história da

cidade, não só a cidade de ontem, mas um espaço para falar do que acontece na cidade hoje. Porém essa é uma prática que para os jovens entrevistados não foi citada como referência.

Assim, de modo próprio, a tecnologia vai se constituindo enquanto um novo referencial cultural em Itacuruba, como pudemos constatar nas falas dos participantes da pesquisa.

5.6. Resultados alcançados

No presente estudo, diante da história da população de Itacuruba, nosso primeiro objetivo específico foi analisar de que modo existe a referência da antiga cidade para os jovens que vivem hoje em Itacuruba. E, contemplando este, constatamos que a população jovem vive atualmente sem vincular diretamente a sua existência às referências da antiga cidade de Itacuruba. Mas, ao mesmo tempo, conseguimos identificar, que, indiretamente, o passado aparece demarcado pelas limitações que caracterizam o viver na cidade desde a mudança para a nova sede.

Verificamos também que, mesmo diante das limitações, a vida na cidade segue. Houve o período da ruptura, em 1988 (ano de construção da barragem de Itaparica nas terras onde habitava a população da antiga Itacuruba), em seguida, o momento chamado na tese de Figueiredo (2011) de “tempo em suspenso”, e hoje a história volta a ser escrita e uma identidade se constitui nesse novo lugar, que passa a contar com o modelo cultural das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação.

Ficou perceptível que existe o referencial da tristeza que remete ao passado da cidade, mas existe também um referencial positivo diante do viver em Itacuruba hoje. Falar das dificuldades, das faltas e das limitações foi prevalente, mas se falou de um

lugar no qual foi bom crescer. O tempo da infância é lembrado a partir de sentimentos de satisfação. Assim as insatisfações só ficaram mais presentes diante da adolescência, tempo no qual surgem novas necessidades que exigem mais de estruturas físicas nas cidades, lugares que atendam demandas sociais, de lazer, bem como, acadêmicas e profissionais. No que se refere ao aspecto cultural, percebemos que o referencial de antes, a prática da agricultura, não predomina dentre os jovens pesquisados. Apenas um participante está dando seguimento a essa tradição na família, mas como as terras em Itacuruba hoje são pouco agricultáveis ele espera que o recurso da tecnologia seja útil para poder resgatar a prática da agricultura na cidade de Itacuruba. Desse modo conseguimos delimitar o referencial dos jovens de Itacuruba hoje frente à antiga cidade.

E, a partir da questão cultural em Itacuruba hoje, já identificamos a sinalização do segundo objetivo específico – “verificar como se dá o uso das tecnologias digitais para os jovens em estudo” – sendo contemplado. De fato, a tecnologia se faz presente de modo prevalente envolvendo os diversos campos da vida dos jovens em Itacuruba hoje. Podemos destacar aqui o campo dos estudos, através de cursos à distância, fontes de pesquisa e acesso a informação, campo da comunicação, trazendo novas possibilidades para a vida social, lazer, profissional, e nesse universo da comunicação houve um destaque: o uso das redes sociais.

O terceiro objetivo específico – “compreender de que modo as redes sociais modificaram a vida dos jovens de Itacuruba” – se fundamenta a partir do momento em que identificamos perfis nas redes sociais se referindo à história de Itacuruba. Diante dessa informação, pudemos analisar de que modo a participação dos jovens nas redes sociais estavam promovendo mudanças para o viver em Itacuruba. E a realidade identificada demonstrou que há uma mudança diante do viver na cidade a partir do uso das redes sociais. Transformação que vai além do fato de se poder fazer o registro da

história que aconteceu na cidade. Os jovens relataram que a mudança acontece frente às novidades provenientes desse campo digital, que ampliam as possibilidades para viver hoje na cidade, e aqui inclui, principalmente, campo social e acadêmico/profissional, universos que contextualizam bem o viver de um jovem de faixa etária entre 19 e 25 anos.

Nas narrativas dos participantes da pesquisa, frequentar as redes sociais preenche hoje a realidade de limitações que o município lhes impõe. Dentro do predomínio do uso das redes sociais, a plataforma Facebook alcançou a referência maior, tendo apenas um participante que não faz uso desta. E foi a rede eleita como sendo a que oferece mais possibilidades para a pessoa se expressar, tanto no que diz respeito aos aspectos pessoais, como a questões sociais e políticas. De um modo geral, foi escolhida como sendo a que melhor corresponde a um lugar de implicação, no qual falar de si torna-se uma prática “natural”. Houve quem chamasse Facebook de um “diário virtual da vida”, ou quem dissesse que “falar de si nas redes sociais significa estarmos dando vida a ela”. E, assim, outros tantos dados foram revelando as opiniões dos jovens acerca desse universo: um universo dinâmico, ágil, que surpreende com novidades que promove identificações e espaços de elaboração subjetiva.

Assim, considerando a cultura das NTIC, podemos afirmar que, pela falta da vivência histórica desses jovens, as redes sociais se configuraram como um elemento fundamental da história do sujeito contemporâneo de Itacuruba. Um espaço através do qual é possível estar, transitar e simbolizar.

Desse modo, contemplando cada um destes objetivos específicos, e considerando o trabalho global da dissertação, nos foi possível alcançar o objetivo geral do presente estudo, que buscou analisar de que modo o uso das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação favorecem a elaboração da questão identitária dos jovens

de Itacuruba, na sua relação com a cidade. A partir dos dados obtidos, consideramos ser possível começar a falar no surgimento de um novo referencial cultural e identitário para Itacuruba hoje.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi construído no presente estudo, é chegado o tempo de finalizar. Nossa questão de pesquisa tratava de duas realidades concretas: a questão identitária da população de Itacuruba frente à história da cidade e as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC) se fazendo presente nessa cidade como uma referência para o campo da subjetividade, bem como para o campo identitário.

E a junção dessas duas realidades enquanto questão de pesquisa não aconteceu de modo aleatório. Constatamos nas redes sociais a história de Itacuruba sendo lembrada através de diversas formas de registro.

As Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC) são de fato hoje uma realidade consolidada enquanto referencial nas grandes e nas pequenas cidades. Um referencial que já podemos dizer que atinge todos os campos da vida do ser humano. Ou seja, vai além de ser uma ferramenta operacional e atinge o universo subjetivo e identitário do sujeito desse novo tempo. E é importante delimitar que há uma diferença no que se refere à relação com as NTIC para quem já nasce na *Era Digital* do que para quem pertence a gerações anteriores. Realidade que podemos perceber acontecendo hoje em Itacuruba.

Com esse novo tempo, a temática da identidade ganha um novo parâmetro enquanto compreensão, porque há uma transformação no que se refere aos modos de relação do ser humano na atualidade. E essa é uma discussão que atinge os diversos campos teóricos que contemplam o estudo da identidade.

Sendo assim, em uma realidade onde já havia uma questão identitária em evidência, como no caso da cidade de Itacuruba, considerando a sua história, a temática de estudo foi, cada vez mais, se fazendo coerente e sua relevância teórica sempre se mostrou presente. Conseguimos unir no presente estudo a realidade de uma cidade que vinha gerando preocupação no que se refere ao campo da saúde mental, bem como

trabalhar com uma temática que atinge de modo expressivo o viver atual, que é as NTIC.

Consideramos relevante entender o que se passava nessa cidade frente a sua história, uma realidade que se mostrava problemática no que se refere à questão identitária. Uma história que chamou a atenção da mídia nacional, gerou preocupação nas instituições de saúde regional e passou a aparecer no ciberespaço, não só como recurso da população local, como também em sites, blogs e páginas que descreviam a história que se passou em Itacuruba. Porém, no que se refere à presença dessa história no ciberespaço, retomamos aqui uma observação que já foi feita na caracterização e justificativa do presente estudo: trata-se do fato de que em 2015 a história da antiga cidade de Itacuruba existia na página *Wikipédia* e hoje não mais. Ou seja, na apresentação da cidade nesta página da *web*, não há registro do momento que demarcou a transposição, é como se fosse nunca tivesse existido a antiga e a nova cidade. Diante disso surgem alguns questionamentos: é possível apagar um passado como se apagam informações de uma página na internet? O que isso vem a significar?

No tempo inicial desta pesquisa, existiam muitas informações acerca do que aconteceu em Itacuruba. Mas não dava para saber se a realidade que vinha sendo retratada era condizente com o referencial para a população de hoje. Foi isso que buscamos contemplar com o presente estudo. Saber o que acontece hoje com a população nesta cidade frente a sua história. Pois, diante da representação negativa que esse passado carrega e da força econômica que envolveu a construção da barragem, o que restou à população foi o não poder falar mais sobre a antiga cidade, conforme foi relatado pela população local no documentário “*De Profundis*”. (Cribari, 2014). Como se tivessem que apagar esse referencial da memória, apagar sua história de vida. Do mesmo modo que foi possível fazer como na página da cidade na internet citada acima.

Atualmente, para os jovens pesquisados, a história da cidade é transmitida pelas pessoas que viveram a realidade da transposição, é a história de vida dos seus familiares, na maioria dos casos, é a história de vida dos seus pais, ou seja, não se trata de um fato tão distante, enquanto memória. E o referencial de perdas que passou a caracterizar o existir na nova cidade, foi constatado de modo predominante nas narrativas dos participantes ao tratar do viver hoje em Itacuruba. Uma realidade que remete a um lugar de falta e limitações.

Sendo assim, diante do ontem e do hoje conseguimos delimitar como esses jovens se organizam do ponto de vista identitário para viver atualmente em Itacuruba. Um viver que comprovamos já possuir a marca da tecnologia permeando as relações cotidianas dos jovens pesquisados.

Ficou demonstrado neste estudo que, hoje, em Itacuruba, os jovens ocupam o espaço dessa rede de comunicações, tecendo relações, construindo vínculos. Assim, falar de tecnologia é tratar de uma realidade que acontece, que tem potencialidades e que oferece espaços construção de novas culturas e identidades. É possível constatar esse fenômeno a partir do recorrente uso nas entrevistas de palavras como liberdade, participação, amplitude, que se alcança ao fazer parte da rede e poder interagir nela. Existe um lugar de protagonismo e de implicação dos sujeitos no ciberespaço.

Em Itacuruba, pudemos confirmar que é através da tecnologia que muitas fronteiras são abolidas, tanto no campo físico quanto psíquico. Os relatos condizem com uma situação de ganhos, que oferece suporte, abertura, flexibilização da realidade, dentre outros. Porém, no que diz respeito à cultura, de um modo geral, existem ainda muitos questionamentos quanto a esse lugar de ganhos, pois vivemos um tempo de transição, no qual há um diálogo de uma geração anterior à disseminação da realidade digital com a geração que já nasce nesse tempo.

Fazendo uma associação com o conviver de duas gerações diante da *Era Digital*, identificamos que em Itacuruba também há uma fronteira entre duas gerações, a população de ontem, que viveu em Itacuruba no período de construção da barragem, e a população de hoje que configura a geração seguinte após esse tempo. E avançando um pouco mais nesse pensamento ainda podemos considerar essa geração de hoje, aqui representada pelos jovens em estudo, como nativos digitais, considerando que estes tenham nascido em anos que correspondem ao tempo da digitalidade. Porém, existe uma particularidade em Itacuruba, a tecnologia só chega à cidade, com possibilidades reais de acesso para toda a população, quando todos os participantes da pesquisa já são adolescentes. Nesse sentido constatamos que há uma relação de identificação com o meio digital por parte dos participantes da pesquisa, porém, comparando com o referencial de quem convive com a tecnologia desde criança, demarcamos que há uma diferença.

Sendo assim, podemos considerar que diante da cultura das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação há um caminho que já está sendo percorrido, há um transitar, por vezes tortuoso, que remete à necessidade de estudos e pesquisas no campo científico. Pois a ciberpsicologia se trata de uma área emergente, assim como é essa cultura, principalmente na realidade das pequenas cidades. No caso de Itacuruba, além de ser uma cidade do interior, tem a posição de isolamento devido a sua localização geográfica. Nesse caso é interessante observar as transformações que a tecnologia promove para cidades com essas características. E em Itacuruba contemplamos uma realidade para além do referencial físico da cidade.

A tecnologia também se fez presente enquanto metodologia no estudo. E poder contar com esse recurso enquanto método foi importante tanto no que se refere à viabilização operacional do estudo, através da netnografia e da realização das

entrevistas com suportes tecnológicos, como no que isso permitiu usar com os jovens uma prática de comunicação condizente com o tema que estava sendo investigado enquanto referência para a vida deles.

Desse modo, avaliamos que dentro do que foi proposto, os objetivos da pesquisa foram contemplados, cientes de que tratamos aqui de uma temática atual e que exige do pesquisador uma nova dinâmica diante do ritmo no qual rapidamente tudo se transforma. Sendo assim, é preciso nos manter constantemente atualizados, no que se refere à produção científica, pois pesquisando sobre um meio onde existem tantas possibilidades de interação e comunicação, se uma certa sincronização não acontecer, comprometer-se-á, de modo paradoxal, nossa própria realidade de trabalho.

Ressaltamos que, com o referencial que encontramos neste campo de pesquisa, surgem outras possibilidades de investigação, relativas à possível influência das NTIC sobre a vida dos moradores das localidades do sertão pernambucano, ou de outras regiões do Nordeste brasileiro. São realidades que se encontram em transformação e, nesse sentido, como prosseguimento deste estudo, abre-se o espaço para ampliar a compreensão do impacto da inclusão digital nessas localidades.

7. REFERÊNCIAS

- Andrade, C. D. (2012). Memória. In: *Antologia poética*. (p. 210). Organização próprio autor. São Paulo: Companhia das letras.
- Barbosa, A. M. F. C., Furtado, A. M., Franco, A. L. M., Berino, C. G. S., Pereira, C. R., Arreguy, M. E., Barros, M. J. (2013). As novas tecnologias de comunicação: questões para a clínica psicanalítica. *Caderno Psicanálise – Rio de Janeiro*. Vol. 35 Nº29, p. 59-75. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cadpsi/v35n29/a04.pdf>.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70 Ltda.
- Barroso, R. M., & Andrés, M. P. (2014). *A Tilápia e o Desenvolvimento do Sertão de Itaparica/ PE - Análise Econômica para Investimentos de Desenvolvimento na Região*. Palmas: Embrapa Pesca e Aquicultura. Recuperado de <https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/1006849/1/cnpasadoc4.pdf>.
- Bauman, Z. (2005). *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. (C. A. Medeiros, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Birman, J. (2000). Subjetividade, tempo e psicanálise. In: *Revista Latinoam. Psicopatologia Fundamental*. 3(4), pp. 11-30. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/rlpf/v3n4/1415-4714-rlpf-3-4-0011.pdf>
- Birman, J. (2001). *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação* (3ª ed.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Birman, J. (2012). *O sujeito contemporâneo*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira.
- Borba, E. Z. (2014). *Imersão visual e corporal: paradigmas da percepção em simuladores*. Recuperado de http://ezb.com.br/wp-content/uploads/2016/02/ZillesBorba_Narrativas2014.pdf
- Castels, M. (2003). *A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Ceccarelli, P. R. (1997). Mal-Estar na Identificação. In: *Boletim de Novidades da Livraria Pulsional*. 93, 37-46.
- Ceccarelli, P. R. (1999). Identidade e Instituição Psicanalítica. In: *Boletim de Novidades da Livraria Pulsional*. 125, 49-56.

- Ciampa, A. C. (1998). Identidade humana como metamorfose: a questão da família e do trabalho e a crise de sentido no mundo moderno. In: *Interações*. 3(6), pp. 87-101.
- Ciampa, A. C. (2005). *A estória do Severino e a história de Severina*. São Paulo: Brasiliense.
- Cribari, I. (Produção e Direção). (2014). *De Profundis*. [DVD]. Itacuruba (PE). Set Produções Audiovisuais.
- Codevasf (2008). Cadeia produtiva de aquíicultura e recursos pesqueiros – oportunidade de investimento em piscicultura no Vale do São Francisco e do Parnaíba. Brasília (DF).
- Costa, J. F. (2004). *O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Garamond Universitária. Rio de Janeiro.
- Deschamps, J. C., & Moliner, P. (2009). *A identidade em psicologia social: dos processos identitários às representações sociais*. Tradução de Lúcia M. Endlich Orth. Petrópolis: Vozes.
- Donard, V. (2015). *Ciberpsicologia: desafios teóricos e clínicos*. Investigação Qualitativa em Saúde, vol. 1. Atas CIAIQ.
- Donard, V. (2016). Fundamentos epistemológicos e novos paradigmas de uma revolução tecnoexistencial. In: E. M. C. Fernandez, & V. Donard (Orgs.), *O Psicólogo frente ao desafio tecnológico: novas identidades, novos campos, novas práticas*. (pp. 37-52). Recife: Editora UFPE: UNICAP.
- Dunker, C. I. L. & Kyrillos, F. Neto. (2006). Identidade e a degradação da carne. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*. 6(1). Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482006000100007
- Dunker, C. I. L. (2015). *Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros*. Boitempo. São Paulo.
- Ertzscheid, O. (2013). *Qu'est-ce que l'identité numérique ? Enjeux, outils, méthodologies*. Marseille : openedition press.

- Fernandez, E. M. C. (2016). NTIC: Globalização, democratização e diversidade cultural. In: E. M. C. Fernandez, & V. Donard (Orgs.), *O Psicólogo frente ao desafio tecnológico: novas identidades, novos campos, novas práticas*. (pp. 17-36). Recife: Editora UFPE: UNICAP.
- Freud, S. (1976). (J. O. A. Abreu, Trad.). O ego e o id. (1923). In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Vol. 19, pp. 12-83. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda.
- Freud, S. (2010). (P. C. Souza, Trad.). Introdução ao narcisismo (1914). In: *Obras Completas*. Vol. 12, pp. 13-50. São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (2010). (P. C. Souza, Trad.). A Transitoriedade (1916). In: *Obras Completas*. Vol. 12, pp. 247-252. São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (2010). (P. C. Souza, Trad.). O mal-estar na civilização. (1930). In: *Obras Completas*. Vol. 18, pp. 13-122. São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (2011). (P. C. Souza, Trad.). Psicologia das Massas e análise do eu. (1921). In: *Obras Completas*. Vol. 15, pp. 13-113. São Paulo: Companhia das Letras.
- Figueiredo, L. C. (2009). *As diversas faces do cuidar: novos ensaios de psicanálise contemporânea*. São Paulo: Escuta.
- Figueiredo, L. C., Bezerra, B. Jr., & Hornstein, L. (2009). *Psicanálise: uma leitura da condição humana*. Recuperado de <http://www2.uol.com.br/percurso/main/psc42/42Debate.html>
- Figueiredo, M. S. F. V. (2011). *Exílio: pertencimentos e reconhecimentos em populações deslocadas: o caso Itacuruba*. 232f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Recife: Universidade Federal de Pernambuco.
- Figueiredo, L. C. (2014). *Cuidado, saúde e cultura: trabalhos psíquicos e criatividade na situação analisante*. São Paulo: Escuta.
- Fourez, G. (1995). *A Construção das Ciências: introdução à filosofia e à ética das ciências*. São Paulo: Unesp.

- Georges, F. (2009). *Représentation de soi et identité numérique: une approche sémiotique et quantitative de l'emprise culturelle du web 2.0*. Réseaux n°154, p. 165-193.
- Góis, P. M. R. S. M. (2011). *A construção secular de uma identidade étnica transnacional: a cabo-verdianidade*. Tese (Doutoramento em Sociologia) – Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Ibge (2010). Itacuruba – censo demográfico. Recuperado de <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=260740&idtema=91&search=pernambuco%7Citacuruba%7Ccenso-demografico-2010:-resultados-da-amostra-religiao->
- Lacan, J. (1998). O Estádio do Espelho. In: *Escritos* (pp. 98-103). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Laplanche, L. & Pontalis, J. B. (2001). *Vocabulário de Psicanálise*. (P. Tamen, Trad.) (6ª ed.) São Paulo: Martins Fontes.
- Lévy, P. (2010). *Cibercultura* (C. I. Costa, Trad.). (3ª ed.) São Paulo: Editora 34.
- Lima, S. R. R. (2007). *Barragem de Itaparica: vinte anos após o programa de reassentamento – (des) envolvimento e (des) estruturação de vidas*. Recuperado de http://www.ecsb2007.ufba.br/layout/padrao/azul/ecsb2007/anais/st4_BARRAGEM%20DE%20ITAPARICA.pdf
- Lispector, C. (2014). *O Tempo de Clarice Lispector*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Maniçoba, S. (2011). *Itacuruba sadia*. Recuperado de <http://cremepe.org.br/2011/09/06/itacuruba-sadia/>
- Meireles, C. (1972). Mar absoluto. In: *Obra poética*. (p. 243).
- Nicolaci-da-Costa, A. M. (2002). Revoluções Tecnológicas. In: *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 18(2), pp. 193-202. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v18n2/a09v18n2.pdf>
- Nina, C. H. V. & Macêdo, M. M. C. (2005). Ética, bioética e tecnologia: os riscos da desumanização. In: *Senatus: cadernos da Secretaria de Informação e Documentação*. 4(1), pp. 77-82.

- Oppenheimer, A. (2010). Le retour de l'identité dans la psychanalyse : perspective historique et critique. *Champ psy*, 2 (58), 9-22. Recuperado de <http://www.cairn.info/revue-champ-psy-2010-2-page-9.htm>. doi: 10.3917/cpsy.058.0009
- Perruci, J. (2006). *Sertão tem grande número de suicídios*. Recife: cremepe. Recuperado de <http://cremepe.org.br/2006/05/03/sertao-tem-grande-numero-de-suicidio/>
- Pessoa, F. (1944). *Poesias de Álvaro de Campos*. Lisboa: Ática.
- Rocha, Z. (1996). *Freud: aproximações*. Recife: Editora da UFPE.
- Rosa, M. D. (1998). A psicanálise frente à questão da Identidade. *Psicologia e Sociedade*. 10 (1), 121-128.
- Roudinesco, E. (1998). In E. Roudinesco & M. Plon (Orgs). *Dicionário de psicanálise*. (V. Ribeiro, Trad., pp. 377-380). Rio de Janeiro: Zahar.
- Sabino, F. T. (1981). *O encontro marcado* (1923). (32ª ed.). Rio de Janeiro: Record.
- Sêga, R. A. (2000). O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici. In: *Anos 90*. 13, pp. 128-133. Recuperado de <http://www.ufrgs.br/ppghist/anos90/13/13art8.pdf>
- Teixeira, M. (2007). *Itacuruba afogada na tristeza*. Recife: cremepe. Recuperado em <http://cremepe.org.br/2007/05/27/itacuruba-afogada-na-tristeza/>
- Torres, A. (2011). *Dependência química preocupa em Itacuruba*. Recife: cremepe. Recuperado em <http://cremepe.org.br/2011/08/25/dependencia-quimica-preocupa-em-itacuruba/>
- Turkle, S. (1997). *A Vida no Ecrã: a identidade na era da Internet*. Lisboa, Relógio D'Água.
- Under, C. (2007). A represa que engoliu uma geração. In: *As margens da transposição*. Recuperado de <https://novochico.wordpress.com/2007/09/25/a-represa-que-engoliu-uma-geracao/>

Verle, L. (1997). *Tempo e espaço no cyberspaço*. (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil. Recuperado de <http://www.lenara.com/papers/tempoespaco.pdf>

Wikipedia. (2015). *Itacuruba*. Recuperado de <https://pt.wikipedia.org/wiki/Itacuruba>

Zartarian, V. & Noel, E. (2002). *Cibermundos – que futuro?* Porto: Editora Âmbar. Recuperado de intermezzoweblog.blogspot.com/2005/04/o-que-ciber.html

**ANEXO 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO –
TCLE**

Você está sendo convidado para participar da pesquisa “Itacuruba, ontem e hoje: estudo psicanalítico sobre o sujeito contemporâneo e o ciberespaço”, a qual pretende estudar a relação entre o sujeito e a tecnologia. A pesquisa procura verificar se, por meio do ciberespaço, a juventude de Itacuruba consegue construir um ambiente onde é possível crescer, se encontrar, tecer vínculos e edificar a nova realidade da cidade e de seus habitantes. Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevistas de modelo semiestruturado, que faremos online, via Skype ou outro suporte. Agendaremos um horário e nos conectaremos, para realizar a entrevista, que durará aproximadamente uma hora. Se você aceitar participar, estará contribuindo para a construção de um estudo que demonstre os reais efeitos que a tecnologia pode oferecer ao sujeito contemporâneo. Talvez, durante sua participação na pesquisa, você se sinta comovido ao falar do passado da cidade ou de sua situação atual, ou ainda do sofrimento de pessoas que você conhece. Neste caso, se você quiser, você pode desistir de continuar respondendo à entrevista. Também poderemos conversar a respeito, e guardarei sigilo. Se depois de consentir em sua participação, você desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

DADOS DO PESQUISADOR PRINCIPAL (ORIENTADOR)

Nome: _____

Endereço completo: _____

Telefone: _____

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar. O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UNICAP que funciona na PRÓ-REITORIA ACADÊMICA da UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO, localizada na RUA ALMEIDA CUNHA, 245 – SANTO AMARO – BLOCO G4 – 8º ANDAR – CEP 50050-480 RECIFE – PE – BRASIL. TELEFONE (81)2119.4376 – FAX (81)2119.4004 – ENDEREÇO ELETRÔNICO: pesquisa_prac@unicap.br

Havendo dúvida / denúncia com relação à condução da pesquisa deverá ser dirigida ao referido CEP no endereço acima citado.

Recife, ____ de _____ de 20__

Participante da pesquisa

Pesquisador Responsável

ANEXO 2 - FORMULÁRIO - Pesquisa de Mestrado - UNICAP-PE

Pesquisa vinculada ao projeto de Mestrado da Universidade Católica de Pernambuco que tem como título: ITACURUBA, ONTEM E HOJE: ESTUDO PSICANALÍTICO SOBRE O SUJEITO CONTEMPORÂNEO E O CIBERESPAÇO. Pesquisadora: Deysiane Simões e Orientadora: Prof^a Dr^a Véronique Donard.

Data de nascimento;

Você nasceu em Itacuruba? Sim Não

Você mora em Itacuruba? Sim Não

Através de quais dispositivos você acessa a internet?

- Celular/Smarphone
- Computador(Desktop)
- Notebook
- Tablet
- Outro

Com que frequência você acessa a internet?

- Diariamente
- Semanalmente
- Quinzenalmente
- Mensalmente
- Outro

Você faz uso contínuo das redes sociais? Sim Não

De quais redes sociais você participa?

- Facebook
- Instagram
- Snapchat
- Twitter
- Periscope
- Outro

ANEXO 3 - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI ESTRUTURADA

- **Cidade**

- 1) O que você pensa quando lhe vem à cabeça a cidade de Itacuruba?
- 2) Como é para você viver em Itacuruba?
- 3) O que significa para você ter crescido em Itacuruba?
- 4) Em Itacuruba existem opções para sua vida profissional?
- 5) A cidade dispõe de opções de lazer?

- **Pessoal**

- 1) Você mora com sua família?
- 2) Como é sua relação com seus familiares?
- 3) Você tem amigos?
- 4) O contato com seus amigos hoje, acontece mais através de encontros presenciais ou através das redes sociais?
- 5) Como você estabelece contatos com seus amigos?

- **Tecnologia;**

- 1) Em que momento você passou a utilizar dispositivos de acesso a internet (uso de Celular/Smartphone, Computador/Desktop, Notebook, Tablet, outros)? Sua vida mudou?
- 2) Em sua opinião para que servem as redes sociais? Isso te atrai?
- 3) Quando você cria um perfil em uma rede social, o que você acha importante falar ou mostrar de você? Existem coisas que você quer mostrar e coisas que gostaria de esconder ou preservar?
- 4) Isso muda de uma rede social para outra?
- 5) Você espera algo quando fala de você? Pode dar exemplos disso?
- 6) Você considera que as redes sociais se tornam um espaço seu? Como você se sente para se expressar neste espaço?
- 7) Você acredita que as redes sociais mudaram sua forma de viver na cidade Itacuruba?



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ITACURUBA, ONTEM E HOJE: ESTUDO PSICANALÍTICO SOBRE O SUJEITO CONTEMPORÂNEO E O CIBERESPAÇO

Pesquisador: VERONIQUE DONARD

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 51203315.6.0000.5206

Instituição Proponente: Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP/PE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.376.400

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um projeto de mestrado em psicologia clínica que apresenta a seguinte hipótese: o processo de estruturação identitária do ser humano é marcado por uma complexa trama de acontecimentos que demarcam as condições de seu vir a ser humano. Há uma construção psíquica em processo a partir do que é possível elaborar num meio que produz significação e sentido. Na relação com a tecnologia, considera-se que o desenvolvimento do ciberespaço afeta o cenário urbano, e quando se pensa na palavra espaço, existe uma compreensão de que os seres humanos se constituem enquanto sujeitos nos espaços que habitam. Entre os autores Freud, Lacan, Pierre Levy, Figueiredo, Birman, Jurandir Freire Costa, entre outros a pesquisa trabalha com as categorias analíticas ciberespaço, ideal de eu e identidade. Este ciberespaço é um processo de comunicação que instiga as potências de um sujeito ágil e informatizado. Além disso, as novas formas de inserção social, de relacionamentos, de pertencimentos e de memórias, estão produzindo novas imagens do Eu. Em termos de metodologia, o campo será a cidade de Itacuruba, localizada no sertão do São Francisco, a 466 quilômetros da capital Pernambuco, e cuja transposição para a Nova Itacuruba, por conta da construção da barragem de Itaparica em 1988, engendrou um sentimento de desamparo que propiciou elevados índices de suicídio no município, de acordo com o Cremepe. Nesse sentido, a mestrandanda fará uma viagem preliminar ao município para conhecer o

Endereço: Rua do Príncipe, nº 526 - Bloco G4 - 7º Andar - Setor A

Bairro: Boa Vista

CEP: 50.050-900

UF: PE

Município: RECIFE

Telefone: (81)2119-4376

Fax: (81)2119-4004

E-mail: cep_unicap@unicap.br



Continuação do Parecer: 1.376.400

campo e selecionar entre cinco a dez sujeitos na faixa etária de 18 a 24 anos de idade, que residam no município visando desenvolver uma netnografia, ou seja, observar o conteúdo das narrativas nas redes sociais e aplicar uma entrevista semidiretiva. No projeto não é apresentado o roteiro de entrevista semidiretiva para se possa avaliar os riscos para os entrevistados. Será desenvolvida uma análise de conteúdo, tendo como referência teórica o campo da psicanálise.

Objetivo da Pesquisa:

Como objetivo primário: estudar a relação sujeito e tecnologia, procurando verificar se por meio do ciberespaço é possível promover um ambiente que favoreça a ressignificação identitária da população jovem de Itacuruba. Objetivos secundários: 1º Observar as narrativas do que vivencia hoje a população jovem da cidade de Itacuruba. OBS.: Narrativas não se observam, se interpretam ou se analisam. 2º Verificar como se dá o uso das tecnologias digitais no cotidiano das pessoas em estudo. 3º Analisar possibilidades simbólico/afetivas vinculadas ao uso do ciberespaço enquanto lugar de ressignificação identitária na população jovem de Itacuruba.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Em termos dos riscos é enfatizada apenas a pesquisa em termos da confiabilidade das informações prestadas pelos sujeitos, “risco” este, na perspectiva da mestranda, semelhante ao que ocorre no modo presencial. Entretanto, não aponta para possíveis constrangimentos, incômodos ou dificuldades pelas quais possam passar os sujeitos. Em termos dos benefícios, trazer uma contribuição teórica ao campo da psicanálise e da ciberpsicologia, mas não aborda como será o retorno da pesquisa para os sujeitos.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa relevante, entretanto não oferece subsídios suficientes para se avaliar as dificuldades que possam surgir nos sujeitos entrevistados.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Carta de anuência e folha de rosto devidamente assinadas. Entretanto a linguagem do TCLE mostra-se fundamentalmente técnica e se apresentará de difícil compreensão para os jovens entrevistados.

Recomendações:

Apresentar o roteiro de entrevista semidiretiva. Analisar os riscos em termos de bioética e propor possíveis soluções. Explicitar e esclarecer o retorno aos sujeitos da pesquisa. Redigir um TCLE em linguagem culturalmente adequada.

Endereço: Rua do Príncipe, nº 526 - Bloco G4 - 7º Andar - Setor A
Bairro: Boa Vista **CEP:** 50.050-900
UF: PE **Município:** RECIFE
Telefone: (81)2119-4376 **Fax:** (81)2119-4004 **E-mail:** cep_unicap@unicap.br



Continuação do Parecer: 1.376.400

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Pendências supracitadas

Considerações Finais a critério do CEP:

O CEP acompanha o parecer do relator.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_627422.pdf	22/11/2015 19:00:00		Aceito
Cronograma	Cronograma_plataforma.pdf	22/11/2015 18:40:31	DEYSIANE RIBEIRO PESSOA SIMÕES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_Mestrado_Deysiane.pdf	22/11/2015 15:48:56	DEYSIANE RIBEIRO PESSOA SIMÕES	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Carta_orientador_Deysiane.pdf	21/11/2015 19:30:56	VERONIQUE DONARD	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Declaracao_Deysiane.pdf	21/11/2015 19:30:27	VERONIQUE DONARD	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto_Deysiane.pdf	21/11/2015 19:27:36	VERONIQUE DONARD	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	17/11/2015 16:05:03	DEYSIANE RIBEIRO PESSOA SIMÕES	Aceito

Situação do Parecer:

Pendente

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

RECIFE, 18 de Dezembro de 2015

Assinado por:

Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo
(Coordenador)

Endereço: Rua do Príncipe, nº 526 - Bloco G4 - 7º Andar - Setor A

Bairro: Boa Vista

CEP: 50.050-900

UF: PE

Município: RECIFE

Telefone: (81)2119-4376

Fax: (81)2119-4004

E-mail: cep_unicap@unicap.br